

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ANA ALICE GONÇALVES OLIVEIRA

**FENÔMENO BULLYING PELA ÓTICA DOS GESTORES DE ESCOLAS
PÚBLICAS E PRIVADAS DO MUNICÍPIO DE INHUMA- PI**

PICOS- PI

2013

ANA ALICE GONÇALVES OLIVEIRA

**FENÔMENO BULLYING PELA ÓTICA DOS GESTORES DE ESCOLAS
PÚBLICAS E PRIVADAS DO MUNICÍPIO DE INHUMA- PI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Piauí-UFPI, como parte dos requisitos necessários para obtenção de título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Prof^a. Ms. Renata Gomes Monteiro

PICOS- PI

2013

Eu, **Ana Alice Gonçalves Oliveira**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 17 de Abril de 2013.

S729b OLIVEIRA, Ana Alice Gonçalves.

Fenômeno Bullying pela óptica de gestores de escolas públicas e privadas no município de Inhuma- PI / Ana Alice Gonçalves Oliveira. – 2013.

CD-ROM : 4 ¾ pol.; il. (66p.)

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.

Orientador (a): Prof.^a. MSc. Renata Gomes Monteiro

1. Bullying. 2. Escolas. 3. Gestão Pedagógica. I. Título.

CDD 371.58

ANA ALICE GONÇALVES OLIVEIRA

**FENÔMENO BULLYING: PESQUISANDO GESTORES DE ESCOLAS PÚBLICAS
E PRIVADAS DO MUNICÍPIO DE INHUMA- PI**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Piauí-UFPI, como parte dos requisitos
necessários para obtenção de título de
Licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Prof^a. Ms. Renata Gomes
Monteiro

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Renata Gomes Monteiro

Orientadora

Universidade Federal do Piauí

Prof^a. Ms. Wanderléia Andrade Pereira

Examinador

Universidade Federal do Piauí

Prof. Ms. Alex Sandro Coitinho Sant' Ana

Examinador

Universidade Federal do Piauí

Ao meu avô, José Gonçalves de Sousa, um
homem admirável que amei muito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar e sempre a Deus, por me guiar e abençoar todos os meus passos, sendo minha rocha e minha fortaleza.

Aos meus pais José Edilson e Regina Maria, que me mostraram que o meu caminho deve ser trilhado com coragem e persistência; pela incansável dedicação na minha educação e por serem meu maior exemplo de força, humildade e perseverança.

Ao meu Tio João Antonio, que me deu a oportunidade de ter um bom ensino, obrigada pela confiança, metade do que sou hoje devo a você.

Às minhas irmãs, Vera Alice, Maria Alice e Alice, pelos inúmeros momentos de risos e apoio em todos os sentidos.

Ao meu namorado Adriano, companheiro incontestável, agradeço pelo afeto, paciência e companheirismo durante todo esse período.

A uma princesinha linda, Luara Maria, que veio para alegrar ainda mais a vida da tia.

A minha professora orientadora, Renata Gomes Monteiro, por toda dedicação na elaboração desta monografia, pois sem o seu auxílio não teria terminado com êxito esse trabalho. Se cheguei até aqui, foi porque ela traçou um caminho certo para eu seguir. Obrigada pelo apoio e dedicação na condução deste trabalho.

Às minhas amigas, Nádia Rosângela e Rosiane Dias, companheiras fieis dessa caminhada.

A todos os meus professores, que fizeram parte da minha trajetória escolar, em especial a professora: Maria Marli Silva, pelos conselhos, puxões de orelha e principalmente por contribuir para o meu crescimento como pessoa.

Ao meu grupo de estudo formado por: Cassia, Marykelli, Nádia, Solange, Tatiane e Vanessa. Quantas risadas demos juntas! Nos tornamos inseparáveis, o tempo irá passar, mas ficará em cada uma de nós uma lembrança especial, porque constituímos um laço de amizade que nem o tempo poderá apagar.

Aos meus amigos de van: Aureliano, Enio, Lucas, Lidiane, Noel, Roberta, Rafael, Talita, Zé de Dalila, que fizeram com que nossas longas viagens de casa para a universidade fossem mais alegres. Com vocês os dias de cansaço se tornaram melhores, os medos ficaram bem pequenos e se tornaram motivo de risada.

Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou a que deveria ser, mas graças a Deus, não sou o que era antes.

(Marthin Luther King)

RESUMO

A violência está cada vez mais presente no espaço escolar, através de agressões físicas, verbais ou morais. As agressões que ocorrem de maneira repetitiva e que envolvem um desnível de poder devem ser consideradas *Bullying*, um fenômeno que vem despertando o interesse de muitos estudiosos devido as sérias consequências que têm trazido aos envolvidos nestas ações. Esta pesquisa faz um levantamento sobre o *Bullying*, suas possíveis causas e os personagens envolvidos nestas ações, evidenciando o trabalho do gestor escolar como o profissional que tem como uma de suas funções criar um ambiente propício para a aprendizagem. O estudo teve como principal objetivo analisar como os gestores de escolas públicas e privadas do município de Inhumas- PI identificam o bullying e como esse fenômeno reflete nas atividades pedagógicas escolares. Para o estudo foi realizada uma pesquisa através de um questionário com perguntas abertas e fechadas, para identificar o conhecimento dos gestores acerca do bullying. Esse questionário foi aplicado a 19 gestores, perfazendo um total de 11 escolas pesquisadas. Tal pesquisa está fundamentada em autores como: Cléo Fante (2005, 2008), José Augusto Pedra (2008), Gabriel Chalita (2008) e Ana Beatriz Silva (2010), utilizados com grande frequência no decorrer de todo estudo. O estudo revela que a maior parte dos gestores pesquisados não sabe diferenciar o bullying de outras agressões que ocorrem no espaço escolar, e que os mesmos só conheceram o bullying a partir da divulgação deste fenômeno na mídia.

Palavra- Chave: Bullying. Escolas. Gestão Pedagógica.

ABSTRACT

Violence is increasingly present in the school, through physical verbal or moral aggressions. The aggressions that occur repetitively and that involve an imbalance of power must be considered bullying, a phenomenon that has aroused the interest of many scholars because of the serious consequences that have brought to the involved in these actions. This research is a survey about the Bullying, its possible causes and the characters involved in these actions, highlighting the work of the school manager as a professional who has as one of its functions to create a conducive environment for learning. The study aimed to examine how managers the public and private schools of the city of PI-Inhuma identify bullying and how this phenomenon reflects in the school educational activities. For the study a survey was conducted through a questionnaire with open and closed questions to identify the knowledge of managers about the bullying, that questionnaire was administered to 19 managers, a total of 11 schools surveyed. Such research is grounded in authors such as: Cleo Fante (2005, 2008), José Augusto Stone (2008), Gabriel Chalita (2008) and Ana Beatriz Silva (2010), used with great frequency during the entire study. The study reveals that the majority of managers surveyed don't know the difference between bullying of others aggressions that occur at school, and that they knew only the bullying from the disclosure of this phenomenon in the media.

Keyword: Bullying. Schools. Pedagogical Management.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1:Tipos de agressões mais frequentes.....	55
Gráfico 2 : Os lugares da escola onde mais ocorrem agressões.....	56

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	12
2.	PERCURSO METODOLÓGICO.....	16
2.1	TIPO DE PESQUISA.....	16
2.2	CAMPO DE PESQUISA.....	17
2.3	PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	17
2.4	COLETA DE DADOS	18
3.	REFERENCIAL TEÓRICO	20
3.1	OS TIPOS DE BULLYING E SUAS CONSEQUÊNCIAS	21
3.2	ATORES ENVOLVIDOS NO BULLYING E SUAS CARACTERÍSTICAS	26
3.3	CAUSAS E AÇÕES SOBRE O BULLYING.....	29
3.4	BULLYING E AS AÇÕES DOS GESTORES ESCOLARES	33
4.	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	40
4.1	CASOS DE VIOLÊNCIAS E AS ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO	40
4.2	A CONCEPÇÃO DE BULLYING	42
4.3	BULLYING; IDENTIFICAÇÃO E RECONHECIMENTO	44
4.4	ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO BULLYING	47
4.5	CARACTERÍSTICAS DOS ENVOLVIDOS NO BULLYING	49
4.6	VIOLÊNCIA REPETITIVA COMETIDA SOBRE O MESMO ALUNO OU GRUPO DE ALUNOS.	53
4.7	TIPOS E LUGARES MAIS FREQUENTES DE AGRESSÕES NA ESCOLA.	54
4.8	CONHECIMENTO DO BULLYING NA FORMAÇÃO INICIAL OU CONTINUADA.....	56
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
	REFERÊNCIAS.....	61
	APÊNDICE A	63
	APÊNDICE B	66

1. INTRODUÇÃO

Tornaram-se notícia constante nos meios de comunicação as práticas violentas que ocorrem nas instituições de ensino. A escola deixou de ser um ambiente tranquilo e passou a vivenciar e lidar com casos de violência, sejam elas físicas, tais como chutes, tapas, beliscões, empurrões, ou verbais, como ameaças aos professores, alunos ou a qualquer profissional que atue neste espaço escolar. Todos podem ser vítimas de piadas de mau gosto, “brincadeira” sem graça, deboches, apelidos, ofensas, fuxicos ou fofocas, entre outras.

A violência escolar é um problema mundial, que, como afirma Chalita (2008, p.81), não escolhe classe social ou econômica, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, área rural ou urbana, está presente em grupos de crianças ou adolescentes, em escolas de países ou culturas diferentes.

Esse fenômeno recebeu denominação própria: bullying, que é um problema de ordem social, que diz respeito aos comportamentos agressivos e anti-sociais existentes no espaço escolar, e é exercido por crianças e adolescentes que praticam atividades agressivas, que causam danos físicos, morais, materiais ou psicológicos à vítima ou às pessoas que presenciam o ato.

Para Constatini (2004, p.69):

O bullying não pode ser caracterizado como conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas como verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos.

É um ato de violência que, segundo Fante (2005, p. 21), se apresenta de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidatórios e repetitivos prolongadamente contra uma mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo dos envolvidos. É uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob tensão.

No espaço escolar essas agressões se apresentam em alguns casos de forma oculta. O autor (agressor), por meio de “brincadeiras”, consegue intimidar a vítima e

fazê-la de refém, sem que os professores ou outros funcionários da escola percebam. Existem casos em que essas ofensas são explícitas, de modo que podem até ser consideradas “normais” pelo professor, até mesmo por não saber como agir diante da situação.

O bullying é diferente de uma brincadeira inocente, sem intenção de ferir: não se trata de um ato de violência pontual, de troca de ofensas no calor de uma discussão, mas sim de atitudes hostis, que violam o direito a integridade física e psicológica e à dignidade humana. Ameaça o direito à educação, à saúde e à sobrevivência de muitas vítimas. (FANTE; PEDRA, 2008, p. 09)

A palavra bullying vem da raiz Bully, que significa valentão, com o desejo de maltratar, humilhar, causando dor e angústia à vítima, tudo dentro de uma relação desigual de poder, caracterizado por ser uma ação repetitiva. É uma série de atitudes violentas contra um ou mais estudantes sem qualquer motivo aparente.

O ato bullying ocorre quando um ou mais alunos passam a perseguir, intimidar, humilhar, chamar por apelidos cruéis, excluir, ridicularizar, demonstrar comportamento racista e preconceituoso ou, por fim, agredir fisicamente, de forma sistemática, e sem razão aparente, outro aluno. (RAMOS, 2008, p.1)

O bullying é a necessidade que o agressor tem de se afirmar através de atos agressivos e desrespeitosos, que, para Ferreira; Tavares (2008, p. 192), começa quando uma criança ou adolescente não quer aceitar uma diferença, podendo envolver uma religião, raça, estatura física, peso, cor dos olhos, deficiências visuais, auditivas e vocais; ou uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou relacionado à força, coragem e habilidade.

Onde quer que exista relacionamento de pessoas em que um queira ter domínio sobre os outros por meio do desequilíbrio de poder, com práticas de violência física ou verbal, haverá bullying, que pode ser caracterizado pelo fato de a vítima apresentar poucos mecanismos de defesa, além de repetitivas agressões.

Segundo Cléo Fante, o bullying é um fenômeno tão antigo quanto o surgimento da escola. Desde que existe agrupamento de crianças, existe bullying, mas este problema ganhou maior ênfase a partir do século XX, período em que se iniciaram os estudos científicos, na década de 70, na Suécia e Dinamarca e, com maior

ênfase, na Noruega em 1982, quando um jornal noticiou o suicídio de três crianças que eram vítimas de maus tratos de companheiros de escola.

No Brasil os primeiros estudos vieram aparecer somente a partir do ano 2000. Devido ser ainda um problema pouco comentado e estudado, não existem pesquisas que forneçam dados concretos do número de casos de bullying ocorridos nas escolas brasileiras. Em nosso país a bibliografia existente é bastante escassa, são poucos os livros que tratam sobre o assunto, mas os meios de comunicação, como a internet e a televisão, já anunciam constantemente reportagens, debates e artigos esclarecendo sobre o bullying.

Fante (2005, p.45) afirma que:

Dan Olweus, pesquisador, quem desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema, permitindo diferenciar de outras possíveis brincadeiras próprias do amadurecimento do indivíduo, ele pesquisou inicialmente cerca de oitenta e quatro mil estudantes, de trezentos a quatrocentos professores e em torno de mil pais, em vários níveis do ensino, e constatou que a cada sete estudantes um estava envolvido em casos de bullying, o que gerou uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, reduzindo em torno de 50% dos casos e incentivou outros países europeus a desenvolver programas de apoio e intervenção do problema.

Maluf (2009 apud Ferreira; Tavares, p.190) afirma que, a cada dia que passa, as crianças estão se tornando mais agressivas. Neste sentido, muitos estudos mostram que há grande número de fatores que elevam o risco do aparecimento de condutas violentas e de jovens envolvidos para que o bullying se desenvolva. Tais fatores podem ser relacionados a experiências como: ter vivido cenas violentas ou sofrido violência, abuso sexual ou físico, excessiva exposição à violência através de jogos, televisão, uso de drogas e álcool, fatores sócioeconômicos prejudicados, família desestruturada, problemas psiquiátricos, entre outros.

A partir disto as instituições de ensino devem estar preparadas para lidarem com essa questão desafiadora, pois as escolas recebem alunos que já vivenciam problemas que desencadeiam uma série de comportamentos agressivos, que é o caso do bullying. Com isso cabe à escola, aos docentes, e principalmente aos gestores escolares trabalhar coletivamente pelo fim dos problemas que assolam este espaço e pelo processo de qualificação da prática docente.

A gestão escolar tem função de criar um ambiente escolar que propicie ao educando uma sensação de prazer, um local adequado para o seu desenvolvimento

social, emocional, psicológico, cognitivo e que seja principalmente um espaço que é capaz de aceitar, respeitar e conviver com as diferenças existentes. Com isso, essa gestão tem que estar se reciclando cada vez mais, para que possa saber como agir diante dos problemas que adentram o espaço escolar, tomando medidas eficazes para amenizar essa questão desafiadora, que é o bullying. Diante disso, lançam-se as seguintes perguntas: Qual é o papel da gestão diante dessa forma de violência? Os gestores estão preparados para lidar com as práticas agressivas nas escolas?

Esta pesquisa tem por objetivo analisar como as ações dos gestores escolares de escolas públicas e privadas do município de Inhumas – PI identificam o fenômeno bullying e como esse fenômeno reflete-se nas atividades pedagógicas escolares. Além disso, pretende-se: a) identificar os conhecimentos que os gestores têm acerca do processo de agressão reconhecido como bullying; b) verificar se na formação inicial e continuada desses gestores foram abordados temas relacionados às práticas repetitivas de violência; c) comparar como os gestores de escolas públicas e privadas do município de Inhumas – PI lidam com estratégias para combater tal fenômeno; d) descrever ações pedagógicas desenvolvidas pelas escolas públicas e privadas de Inhumas – PI em relação ao bullying.

Esta pesquisa se justifica pela busca do entendimento de mais um problema que aflige o meio escolar, o bullying, que faz com que as instituições de ensino passem, de forma direta, a vivenciar a violência que aflige o meio social. Outro ponto que marca a relevância desta pesquisa é a sua contribuição para a disseminação do saber a respeito desse problema: sua definição, consequências e causas, para que, com isso, haja uma conscientização da real necessidade de desenvolvimento de projetos que propiciem a diminuição das práticas bullying no meio escolar.

2. PERCURSO METOLÓGICO

Nesse capítulo será apresentado o percurso metodológico adotado no estudo, que procurou analisar, a partir de questionários, como as ações dos gestores escolares de escolas públicas e privadas do município de Inhumas – PI identificam o bullying e como esse fenômeno se reflete nas atividades pedagógicas escolares.

2.1 TIPO DE PESQUISA

Este trabalho se fundamenta a partir de uma pesquisa de campo que teve como principal finalidade desenvolver e esclarecer a idéia a respeito do tema a ser abordado, proporcionando uma visão bem ampla acerca do fenômeno analisado. Diante disso, Oliveira (2002) ressalta que é uma investigação que, além de uma análise bibliográfica, os pesquisadores coletam dados com pessoas, fazendo uso de diversas técnicas.

É um tipo de pesquisa que promove uma maior interação entre o pesquisador e o tema pesquisado e permite uma maior flexibilidade no desenvolvimento das atividades que norteiam os objetivos da pesquisa. Habitualmente essa pesquisa exige que se faça um levantamento bibliográfico, que, para Gil (2010), é elaborada com base em material já publicado, e apresenta como principal vantagem o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais amplos do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer muitos dados dispersos pelo espaço.

A pesquisa teve tratamento qualitativo e preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas. Este tipo de pesquisa trabalha com dados não quantificáveis, coletam e analisam materiais pouco estruturados e narrativos, que não necessitam tanto de uma estrutura, mas em compensação, requerem o máximo envolvimento por parte do pesquisador.

O levantamento de dados é fundamental para esse tipo de pesquisa, pois a partir da participação dos sujeitos da pesquisa serão coletadas informações

necessárias para que se possam atingir os objetivos propostos, segundo Gil (2010, p.35):

As pesquisas deste tipo caracterizam-se pela interrogação das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados.

2.2 CAMPO DA PESQUISA

A zona urbana do município de Inhumas – PI conta com um total de 11 escolas que oferecem o ensino fundamental maior e o ensino médio, níveis de ensino escolhidos para aplicação da pesquisa, devido serem correspondentes às fases da adolescência, em que as manifestações agressivas ocorrem mais frequentemente em virtude das transformações maturacionais ocorridas nesta etapa de desenvolvimento. (Gallahue1989 apud TOURINHO; TOURINHO FILHO, 1998).

Dentre essas escolas, apenas 9 aceitaram participar da pesquisa, fato que tornou reduzido o número de gestores. Por causa disto foi necessário contar com a participação de mais duas escolas da zona rural.

Portanto, a pesquisa contou com a participação de 11 escolas, 9 da zona urbana e 2 da zona rural, sendo 10 escolas públicas da rede estadual e municipal de ensino e apenas 1 escola privada.

2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Dos 22 gestores das 11 escolas públicas e privadas do município de Inhumas-PI, apenas 19 colaboraram com a pesquisa proposta. Foram selecionados 2 gestores por escola, pois a grande maioria das escolas só contava com um(a) diretor(a) e um(a) coordenador(a).

Para preservar a identidade das escolas e conseqüentemente dos sujeitos envolvidos, utilizou-se recursos numéricos e alfabéticos. As escolas foram numeradas na ordem de 1 a 11 (Escola 1, Escola 2, Escola 3, etc.), de acordo com a ordem de entrega dos questionários. Os gestores de cada escola foram identificados como gestor A e gestor B, uma vez que participaram da pesquisa apenas dois gestores de cada escola.

Com o auxílio dos questionários pode-se perceber uma variação na faixa etária dos gestores, que varia entre os 26 e 53 anos de idade. A escola 4, por exemplo, conta com a presença de dois gestores com idades bem diferentes, um com 48 anos e outro com 29, são profissionais formados em tempos distintos, com regras, comportamentos, metodologias, didáticas e com conceitos de educação diferenciados. Isso pode causar conflitos dentro da gestão escolar, mas pode servir também de alicerce para uma boa administração, pois pode haver uma troca de conhecimentos e experiências entre os mesmos.

Dos dezenove gestores, dezessete são do sexo feminino, contamos com a participação de apenas dois homens. Com relação às suas formações, todos afirmaram ter Ensino Superior Completo, dentre suas formações foram citados os cursos de Licenciatura Plena em: Ciências Biológicas, Geografia, História, Letras/Português, Letras/ Inglês, Matemática e Pedagogia, apenas dois gestores deixaram de citar seu curso de formação. Nove desses profissionais afirmaram já terem concluído especialização, foram citadas: Metodologia do Ensino Superior, Gestão Ambiental, Psicopedagogia Institucional, Coordenação pedagógica, Gestão escolar, e dois gestores que estão com especialização incompleta em Gestão e Supervisão Escolar, cinco deixaram a pergunta em branco.

2.4 COLETA DE DADOS

Para Gil (2010), a utilização do questionário é uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas, com o propósito de obter informações sobre o tema pesquisado. Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos.

Segundo Echeburúa (1997 apud FONAI, 2007), este instrumento de pesquisa é utilizado devido às suas vantagens: necessita de pouco tempo para sua aplicação, oferece informações objetivas dos participantes, explora variadas áreas do convívio social e permite o acompanhamento de progressos e reformulações dos resultados obtidos, quando aplicados em vários momentos.

O questionário aplicado é composto de 23 questões do tipo fechadas e abertas. As fechadas foram apresentadas numa lista e pede-se para que os pesquisados

escolham a alternativa. Já nas abertas pede-se aos entrevistados para que relatem e escrevam suas próprias respostas.

Aplicou-se o questionário com os gestores (diretores e coordenadores) das escolas selecionadas. Os questionários dos diretores foram entregues nas referidas escolas, já os dos coordenadores tiveram que ser entregues na residência de cada um, pois os mesmos encontravam-se de férias.

Durante a entrega dos questionários cada gestor assinou um termo de consentimento, em que explicava qual a finalidade e os objetivos da pesquisa, alguns deles mostraram receio em responder, outros demonstraram interesse e pediram até um exemplar da pesquisa finalizada.

Em relação ao recebimento dos questionários, foi uma tarefa mais complicada do que a entrega, porque muitos gestores não entregaram na data prevista e alguns decidiram não responder, explicaram que bastava a participação de apenas um dos gestores da escola, porque as respostas seriam praticamente as mesmas.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 OS TIPOS DE BULLYING E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Chalita (2008, p.82) classifica o bullying de duas maneiras, direta ou indireta. Direta é mais comum entre agressores meninos, as atitudes mais frequentes são os xingamentos, tapas, empurrões, murros, chutes e apelidos ofensivos repetitivos. O indireto é mais comum entre o sexo feminino e crianças menores. Caracteriza-se basicamente por ações que levam a vítima ao isolamento social, as estratégias usadas são de difamações, boatos cruéis, intrigas, fofocas, rumores desagradáveis sobre a vítima e familiares entre outros. Os meios de comunicação costumam ser eficazes na prática do bullying indireto, uma vez que propagam com mais rapidez e dimensões incalculáveis, comentários cruéis e maliciosos sobre pessoas públicas.

Segundo Silva (2010, p. 22),

Algumas atitudes podem se configurar em formas diretas ou indiretas de praticar bullying. Porém, dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de maus-tratos; normalmente, os comportamentos desrespeitosos dos bullies costumam vir em “bando”. Essa versatilidade de atitudes maldosas contribui não somente para a exclusão social da vítima, como também para muitos casos de evasão escolar, e pode se expressar das mais variadas formas, como verbal, físico e material, psicológico e moral, sexual, virtual.

Para Martins (2005 apud ANTUNES; ZUIN, 2008, p.34), o comportamento agressivo caracterizado como bullying é dividido em: diretos e físicos, que são as agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividade servis; diretos e verbais: incluem, apelidar, realizar comentários racistas; e indiretos que incluem a exclusão sistemática de uma pessoa, realização de fofocas e boatos, ameaçar de exclusão do grupo com o objetivo de obter favorecimento, ou, de forma geral, manipular a vida social do colega.

Além de todos esses tipos de bullying, existe ainda o Cyberbullying, que, segundo Bill Belsey (2005 apud NETO, 2005, s.p), trata-se do uso da tecnologia da informação e comunicação (e-mails, telefones celulares, mensagens por pagers ou celulares, fotos digitais, sites pessoais difamatórios, ações difamatórias online) como recurso para a adoção de comportamentos deliberados, repetitivos e hostis, de um indivíduo ou grupo, que pretende causar danos a outros.

O advento da internet nos traz vários benefícios, como: facilitar a comunicação com pessoas de diversos lugares do mundo, permite que realizemos quase tudo sem sair de casa, fazer compras, além de ser fonte de uma grande quantidade de informação que podem contribuir no auxílio da aprendizagem. Porém, também podem trazer problemas, como é o caso do cyberbullying, que é um fenômeno pelo qual pessoas aproveitam a internet para praticar ações agressivas, com intenção de ferir a integridade moral de outras, expondo a vida pessoal da vítima através de mensagens maliciosas em sites de relacionamento, o que acaba sendo visto por centenas de pessoas.

O cyberbullying é um problema que cresce constantemente, pois a cada dia os jovens usam mais as tecnologias, lembrando também que sempre existiu prática semelhante ao bullying virtual, como as brincadeiras de amigo oculto ou correio elegante, em que pessoas usavam mensagens maliciosas para ferir alguém, utilizando sempre o anonimato. A diferença está no meio utilizado, mas a intenção é a mesma, é um tipo de bullying em que os maiores praticantes são adolescentes.

Silva (2010, p. 133) descreve o cyberbullying como um reflexo perfeito dessa cultura embasada na insensibilidade interpessoal e na total ausência de responsabilidade e solidariedade coletiva. Nesse contexto, bullying virtual encontra fatores bastante propícios para se proliferar de forma sombriamente imprevisível, dentre eles podemos citar: a inexistência de padrões legais e éticos para a utilização de recursos tecnológicos da informação e da comunicação; a falta de empatia, de sensibilidade e de responsabilidade nas relações interpessoais; a certeza do anonimato, da impunidade e do silêncio acuado das vítimas,

Fante e Pedra (2008, p. 65) classificam o cyberbullying como uma forma de ataque perversa, que extrapola em muito os muros da escola, ganhando dimensões incalculáveis, a diferença está nos métodos e nas ferramentas utilizadas pelos praticantes. Enquanto o bullying ocorre no mundo real, o cyberbullying ocorre no mundo virtual, e neste os agressores se motivam pelo anonimato, valendo-se de nomes falsos, apelidos ou fazendo-se passar por outras pessoas.

O agressor que utiliza as redes sociais para agredir de forma virtual não precisa usufruir do desequilíbrio de poder para ferir a vítima, não é necessário ser o mais forte, nem sequer se manifestar em público, basta apenas ter acesso à internet e agir sem que precise se identificar.

Com isso faz-se necessário que os pais estejam atentos aos tipos de sites de relacionamento que seus filhos acessam, deixando claro que qualquer tipo de agressão virtual existente deve ser comunicado para que assim possam tomar medidas cabíveis de prevenção. A escola também deve ajudar no combate a este problema, pois em muitos casos os agressores espalham comentários maliciosos da vítima dentro do próprio espaço escolar, pois a tecnologia já faz parte dos recursos utilizados no processo ensinoaprendizagem, como é o caso das salas de informática, que podem servir como auxílio para o desenvolvimento cognitivo dos alunos e ao mesmo tempo podem ser uma aliada nas práticas do cyberbullying.

Contudo, a escola com a parceria da família precisa orientar e desenvolver estratégias, informando as crianças e os adolescentes para o uso responsável dos recursos tecnológicos e sobre o perigo que ele pode causar. Um bom exemplo disso é o caso de uma escola em São Paulo que criou uma disciplina chamada “Netiqueta¹”, que aborda o tema em questão; ou a criação de uma comunidade escolar para que os alunos discutam o assunto e troquem experiências.

Muitos casos de cyberbullying já foram denunciados ao poder público, com pedidos de indenização por danos morais e materiais por ser um crime que fere a integridade moral da vítima. Para denunciar esse crime é necessário que a vítima do cyberbullying reúna todas as provas possíveis e procure uma Delegacia Especializada em Crimes Cibernéticos, que já possuem peritos especialistas em informática que rastreiam o autor que até então é anônimo. Caso a cidade não disponha dessa delegacia, a vítima deve procurar qualquer delegacia de polícia e fazer a denuncia.

Sejam presenciais ou virtuais, as conseqüências de uma vida marcada pelo bullying geralmente são graves, pois, para os alvos, o sofrimento atua de maneira a produzir traumas severos, uma vez que “fora dos muros da escola, um jovem que sofre intimidação pode escolher trocar de grupo ou companhia, mas dentro da sala de aula é obrigado a conviver com seus companheiros durante todo seu percurso escolar.” (CONSTANTINI, 2004, p. 74).

Independentemente do tipo de bullying praticado ele pode trazer problemas seríssimos às suas vítimas, afetando sua integridade de forma que o envolvido passa a enfrentar dificuldades até mesmo de lidar com as suas relações pessoais. A

¹Disciplina que incentiva a elaboração de regras para o uso ético dos recursos tecnológicos.

vítima entra em confronto com sua identidade pessoal e passa a se isolar de tudo. Chalita (2008, p.21) menciona que o universo do agredido se agiganta de tal forma que o medo aprisiona, deixando-o lá dentro, protegido pelo nada. Apenas ali, sem falar muito, sem exprimir alegria ou tristeza, sem revelar a dor.

Além de os bullies escolherem um aluno- alvo que se encontra em fraca desigualdade de poder, geralmente este também já apresenta uma baixa autoestima. A prática de bullying agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e ou/ comportamentais que muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis. (SILVA, 2010, p.25).

Com isso o bullying pode trazer vários tipos de consequências para os envolvidos nesta prática, e principalmente a vítima que na sua maioria sofre em silêncio. Pode causar danos de imediato, como problemas físicos, psicossomáticos tais como diarreia, vômito, náuseas, insônia, dificuldades de compreensão, palpitações, crise de asma, tontura ou desmaios, além de doenças como anorexia, bulimia e obesidade.

Segundo Chalita (2008, p.109),

O bullying é uma violência que cresce com a cumplicidade de alguns, com a tolerância de outros e com a omissão de muitos. E se transforma em ferocidade camuflada, compondo um cenário que nos intima, enfim, a sair do conformismo do pessimismo e da apatia das “cavernas” edificadas para nos proteger da realidade. Uma realidade grave e muda, com consequências alarmantes.

Em relação aos problemas de saúde mental Fante; Pedra (2008, p. 84) mencionam que são inúmeros os traumas dos expostos aos ataques, a vítima poderá ter prejuízos irreparáveis ao seu desenvolvimento cognitivo, emocional e socioeducacional. Dependendo da estrutura psicológica de cada individuo, o bullying pode mobilizar ansiedade, tensão, medo, raiva, irritabilidade, dificuldade de concentração, déficit de atenção, angustia, tristeza, desgosto, apatia, cansaço, insegurança, retraimento, sensação de impotência e rejeição, sensação de abandono e inferioridade, magoa, oscilações de humor, desejo de vingança, pensamentos suicidas, depressão, fobias e hiperatividade, entre outros.

Fante (2005, p. 80) destaca que o bullying pode desencadear na vítima uma condição psiquiátrica caracterizada por explosões de cólera e episódios transitórios

de paranóia ou psicose, conhecida como Transtorno de Personalidade Limítrofe, alterando o desenvolvimento dos sistemas límbicos.

Para Silva (2010, p.25), os problemas mais comuns são: Transtornos do Pânico, que faz o indivíduo ser tomado por uma sensação enorme de medo e ansiedade, acompanhada de uma série de sintomas físicos; Fobia Escolar, caracterizada pelo medo intenso de frequentar a escola, ocasionando repetências por faltas, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar; Fobia Social, que leva a vítima a sofrer de ansiedade excessiva e persistente, com temor exacerbado de se sentir o centro das atenções ou de estar sendo julgado e avaliado negativamente; Transtorno de Ansiedade Generalizada, que é uma sensação de medo e insegurança persistente; Depressão, que trata-se de uma doença que afeta o humor, os pensamentos, a saúde e o comportamento; Anorexia e Bulimia, que são transtornos alimentares; Transtornos Obsessivo Compulsivo, que se caracterizam por pensamentos sempre de natureza ruim, intrusivos e recorrentes, causando muita ansiedade e sofrimento; Transtorno de Estresse Pós-Traumático, que são transtornos por idéias intrusivas e recorrentes do evento traumático, como flashbacks e lembranças de todo horror que os abateu.

Já as consequências menos freqüentes são: a esquizofrenia, popularmente conhecida como psicose ou loucura, que é uma doença mental que faz com que o indivíduo rompa a barreira da realidade e passe a vivenciar um mundo imaginário, paralelo, caracterizada pela presença de delírios ou alucinações; suicídio ou homicídio, que ocorrem quando jovens-alvo não conseguem suportar a coação dos seus algozes. Em total desespero, essas vítimas lançam mão de atitudes extremas como forma de aliviar seu sofrimento.

Os principais exemplos das consequências trágicas ocorridas no Brasil devido ao bullying são: o caso ocorrido na cidade de Taiúva, interior paulista, em janeiro de 2003, quando um adolescente de 18 anos invadiu sua ex-escola e atirou contra cinquenta pessoas, feriu oito delas e depois se suicidou com um tiro na cabeça. Segundo relatos, ele era motivo de piadas, ofendido, apelidado, humilhado pelos colegas por ser gordinho. Outro caso, ocorrido em fevereiro de 2004, na cidade de Remanso, interior baiano, foi o de um adolescente de dezessete anos que resolveu se vingar, armado foi até a casa de seu principal agressor e desferiu um tiro em sua cabeça, em seguida seguiu até a escola para tentar matar uma professora de quem não gostava, mas foi impedido por uma funcionária, sua intenção era de cometer

suicídio, porém conseguiram desarmá-lo. Em seu bolso foi encontrado um bilhete com o nome de mais de cem pessoas que iria matar.

Os envolvidos nestas práticas bullynistas necessitam de um acompanhamento diferenciado por parte da escola e da família para que possam enfrentar este fenômeno e contê-lo, antes mesmo que desencadeiem uma série de problemas sociais, educacionais e psíquicos que não tenham mais como tratar.

Segundo Fante (2005, p.12), as vítimas desse fenômeno são feridas na área mais preciosa, íntima e inviolável do ser: a alma. O resultado é que a experiência vivenciada registrada com forte carga emocional afetará profundamente a memória, prejudicando a mente na construção da sua história intrapsíquica, no desenvolvimento da sua inteligência, na sua capacidade de autoexpressão e na sua atitude de primar por cidadania e qualidade de vida.

O bullying interfere no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, sensorial e emocional. Favorece o surgimento de um clima escolar de medo e insegurança, tanto para aqueles que são alvos como para os que assistem caladas as mais variadas formas de ataques. O baixo nível de aproveitamento, as dificuldades de interação social, o desenvolvimento ou agravamento das síndromes de aprendizagem, os altos índices de reprovação e evasão escolar têm o bullying como uma de suas causas. (FANTE; PEDRA, 2008, p. 10)

Com isso é necessário que a escola tenha o dever de levar esse fenômeno para discussão na sociedade, mobilizando estratégias preventivas, além de estabelecer parcerias com instituições ligadas ao poder público, como: Conselhos Tutelares, Delegacia da Criança e do Adolescente, Promotorias Públicas, Varas da Infância e da Juventude, assegurando o que menciona o art. 227 da Constituição Federal (1988, p.140) que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

No Brasil não existe nenhuma lei específica sobre o bullying, portanto é necessário o uso do Estatuto da Criança e Adolescência (ECA) que afirma em seu Art. 5º que nenhuma criança e adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punindo na forma de lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos

fundamentais. Sendo assim, a sociedade em geral deve estar consciente de que existem leis que zelam pelo pleno desenvolvimento da criança e do adolescente, e que temos que exigir das autoridades o cumprimento das mesmas, propiciando à criança e ao adolescente o desenvolvimento social e moral, e o preparo para o exercício da cidadania.

3.2 ATORES ENVOLVIDOS NO BULLYING E SUAS CARACTERÍSTICAS

Os atores envolvidos nas práticas agressivas caracterizadas como bullying são: vítima, agressor e espectador, que, dentro de tal fenômeno, apresentam características que os diferenciam, sendo assim possível identificá-los.

É importante conhecer os atores envolvidos nas práticas bullynnistas, para que assim se torne mais fácil desenvolver projetos para intervenção, pois cada ator tem suas características próprias. No caso do agressor, este merece uma atenção especial, pois existe algo no seu convívio social que faz com que desenvolva essas práticas agressivas. Com isso, para se poder buscar medidas adequadas para tratar o bullying, é necessário que a escola e a família façam uma análise de todos os fatores que possam desencadear esse problema.

São vários os personagens envolvidos no bullying. Identificá-los é fundamental, mas com cuidado de não rotular os estudantes, evitando que sejam estigmatizados pela comunidade escolar, o que também seria uma violência. Os participantes da violência dividem-se em agressores ou bullies, em vítimas ou alvos e espectadores ou testemunha. Há também aqueles que são, ao mesmo tempo, vítima e agressores. (CHALITA, 2008, p. 85)

Tognetta e Vinha (2008 apud GONÇALVES; ANDRADE 2010, p. 184) aconselham que utilizemos as expressões alvos de bullying ou autor de bullying, a vítima e o agressor respectivamente, na tentativa de evitar preconceitos por parte dos agentes que trabalham com situações problemas, em que haja essa forma de violência.

Os agressores são geralmente mais fortes que suas vítimas, agressivos, auto-confiantes, tem prazer em dominar e causar dor, se envolvem constantemente em questões antissociais (como o consumo álcool e drogas, brigas), apresentam um baixo índice escolar, não costumam cumprir as regras da escola. Escolhem seus

alvos quando percebem que eles tem algo de diferente e que são bem frágeis, uma “presa” fácil de ser pega.

Para Chalita (2008, p. 86), os agressores normalmente são alunos populares, que precisam de platéia para agir. Reconhecidos como valentões oprimem e ameaçam suas vítimas por motivos banais, apenas para impor autoridade. Sentem-se realizados e reconhecidos com o feito. Mantêm um grupo em torno de si, com o qual dividem a responsabilidade e por quem se sentem apoiados e fortalecidos. Aqueles que gravitam ao redor do líder ou líderes também são considerados agressores.

Diante dessa situação, Fante (2005, p. 74) descreve o agressor como sendo:

Frequentemente, membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelo para solucionar os conflitos. Ele sente uma necessidade impetuosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça é de conseguir aquilo o que se propõe. Pode vangloriar-se de sua superioridade real ou imaginária sobre os outros alunos. É mau caráter, impulsivo, irrita-se facilmente e têm baixa resistência as frustrações. Custa adaptar-se as normas; não aceita ser contrariado, não tolera os atrasos e pode tentar se beneficiar-se de artimanhas na hora das avaliações.

A ABRAPIA² (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) e Observatório da Infância³ (2010) salientam que os agressores são: a) pessoas com pouca empatia; b) pessoas que gostam de se ver cercadas, admiradas e temidas por outros alunos; c) pessoas que assumem posições de liderança negativa; d) apresentam comportamentos e atitudes frequentes como agressão, ameaça, discriminação, dominação, humilhação dentre outros.

As vítimas não apresentam bom porte físico e nem recursos para se defenderem, tem poucos amigos, são caladas, passivas ou submissas, apresentando autoestima cada vez mais baixa. Para Chalita (2008, p.87), são personagens escolhidos, sem motivo evidente, para sofrerem ameaças, humilhações, intimidações. O comportamento, os hábitos, a maneira de vestir, a falta de habilidade em algum esporte, a deficiência física ou aparência fora do padrão de

²Uma ONG que promoveu e defendeu por mais de 20 anos os direitos de crianças e adolescentes.

³É uma iniciativa do Governo Federal desenvolvida para reunir e acompanhar informações e indicadores sobre as políticas públicas focadas na redução da violência contra crianças e adolescentes no Brasil.

beleza imposto pelo grupo, o sotaque, a gagueira, a raça podem ser motivos para a escolha de uma vítima.

Para identificar um aluno vítima do bullying, de acordo com ABRAPIA (2005) e Observatório da Infância (2010), alguns indicadores devem ser considerados: a) não dispõe de habilidades para reagir e interromper as ações contra si; b) baixa autoestima agravada pela indiferença dos adultos, quanto ao seu sofrimento; c) troca de colégio com frequência; d) abandonam os estudos; e) não se integram a um grupo; f) passivos e quietos; g) pouco sociáveis; h) inseguros.

Silva (2010, p. 40) e Fante (2005, p. 72) classificam também os tipos de vítimas: vítima provocadora, aquela que provoca e atrai reações agressivas contra as quais conseguem lidar com eficiência, possui um “gênio ruim”, tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas geralmente de maneira ineficaz. Nesse grupo encontramos crianças ou adolescentes hiperativos e impulsivos e/ou imaturos, que criam, sem intenção explícita, um ambiente tenso na escola. A vítima agressora faz valer os velhos ditos populares “Bateu levou” ou “Tudo que vem tem volta”, ela reproduz os maus tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, ela procura outra vítima ainda mais vulnerável, e comete contra esta todas as agressões sofridas. Isso faz com que o bullying se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas.

Pobres dos mais frágeis, que não se portam como valentões, porque já começam a trajetória com a alma agredida; como não encontraram forças para se defender temem dizer aos pais, quando agredidos físicos ou moralmente na escola, preferem o universo doloroso do silêncio. E assim o bullying vai nascendo. Os mais fortes humilham os mais fracos, que não têm espaço para revidar nem para revelar dor que sentem na alma. (CHALITA, 2008, p. 20)

Fante e Pedra (2008, p. 47) afirmam que algumas pesquisas existentes demonstram que a média de idade de maior incidência entre os agressores situa-se na casa de 13 aos 14 anos, enquanto as vítimas possuem em média 11 anos, fato que comprova a teoria de que os papéis dos protagonistas se intensificam conforme aumenta o grau de escolaridade.

A dor e a angústia, vivenciadas solitariamente, destroem o encantamento pela escola e até pela vida. Do baixo rendimento escolar a resistência para ir à escola, os efeitos pioram na medida em que a intensidade e a regularidade das agressões vão evoluindo

e se agravando. Os sintomas começam a se misturar com um forte desejo de autodestruição, de momentos de explosão e de vingança. (CHALITA, 2008, p. 88)

Segundo Tognetta e Vinha (2008apud GONÇALVES; ANDRADE, 2010, p.184), os espectadores procuram assumir a posição de fora do jogo, ao mesmo tempo em que tendem a se submeter aos desejos dos atores, não porque concordam com eles, mas por medo de se tornarem alvos futuros e por perceberem que, diante do grupo, é melhor ficarem do lado dos mais fortes. O que diferencia bem os espectadores dos alvos é o fato de os primeiros não demonstrarem tanta fragilidade.

Silva (2010, p. 45) divide os espectadores em três grupos distintos: a) espectadores passivos, que assumem essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima; b) espectadores ativos, que, apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam apoio moral aos agressores, com risadas e palavras de incentivo; c) espectadores neutros, que não demonstram sensibilidade pelas situações de bullying que presenciam.

Independente da participação nos atos bullynnistas, é preciso que se tenha bastante cuidado com os atores envolvidos, pois o decorrer das ações traz algumas consequências que podem afetar o desenvolvimento educacional, pessoal e social de todos. É necessário que se tenha um maior cuidado com o agressor, pois ele também precisa de ajuda, ele não é um criminoso, e precisa aprender a respeitar e conviver com as diferenças existentes na escola.

3.3 CAUSAS E AÇÕES CONTRA O BULLYING

Fante; Pedra (2008, p.100) consideram os seguintes aspectos que contribuem para o aumento de práticas agressivas de crianças e adolescentes diante ou não do espaço escolar: carência afetiva, ausência de limites, afirmação dos pais sobre os filhos através de maus tratos e explosões emocionais violentas, excessiva permissividade, exposição prolongadas a inúmeras cenas de violência exibidas pela mídia e games, facilidade de acesso às ferramentas oferecidas pelos modernos meios de comunicação e informação. Além disso, existe a alta competitividade no espaço escolar, que acaba gerando o individualismo, a dificuldade de empatia, a crise ou ausência de modelos educativos baseados em valores humanos capazes de alicerçar a vida do indivíduo.

As crianças não nascem praticando bullying. Algum fator no transcurso de seu desenvolvimento colaborou para o surgimento desse tipo de comportamento, crianças que são vítimas de alguma forma de abuso na primeira infância, seja sexual, psicológico ou físico, tornam-se inseguras, temerosas, ressentidas. [...] O bully antes de tudo é um indivíduo que sofre, que tem medo e muita raiva represada no coração. Submeter o mais fraco ao seu domínio, maltratar o outro, é uma forma de esconder sua fraqueza, é ação prazerosa de fazer com que outros sofram da mesma forma com que ele sofreu [...] (FANTE; PEDRA, 2008, p. 101)

Um fator que pode influenciar o aparecimento dessas práticas e que necessita de uma maior atenção por parte dos educadores e principalmente dos pais, é enfatizado por Fernandez (1994 apud FERREIRA; TAVARES 2005, p.190), ao mencionar que o comportamento violento em programas televisivos ou filmes e o bombardeio ideológico constante dos meios de comunicação que, por um lado exaltam o ser violento destrutivo, e, por outro, não permite diferenciar esses atos agressivos e destrutivos, da agressividade sadia e necessária para desconstruir-se e reconstruir-se como sujeito autor da própria história. Portanto, é necessário que saibamos os tipos de ensinamentos que os desenhos podem trazer para os telespectadores, e assim fazer uma análise crítica de quais deles contribuem para um desenvolvimento emocional, social, cognitivo apropriado.

Segundo a psicanalista Raquel Soifer (1975 apud FANTE, 2005, p. 170), a televisão interfere prejudicialmente no comportamento da criança e do adolescente, desencadeando patologias nas quais o psiquismo pode ser severamente comprometido. Existe uma grande relação entre a televisão e a construção da identidade e do comportamento, não só dos adolescentes, mas de toda a sociedade. Contudo, as agressões mostradas pela televisão servem de incentivo para as crianças, uma vez que as imagens podem ser imitadas.

A televisão tornou-se um meio de comunicação em que a todo instante são anunciados casos de violência. Com isso as crianças e os adolescentes passam a conviver constantemente com a realidade do seu meio social, cenas de morte, assaltos, tiroteios, sequestros, que são inadequados para suas idades. Até mesmo os desenhos animados, tem sempre algum personagem querendo se dar bem através do desequilíbrio do poder, buscando sempre nas diferenças físicas tirar proveito da situação, o que é comum nas práticas bullynyistas. Por isso é necessário que os pais tenham bastante cuidado com os programas que seus filhos assistem, pois eles podem influenciar na prática de comportamentos agressivos.

Segundo Parolin (2003 apud GONÇALVES; ANDRADE 2010, p. 191),

Instrumentalizar a criança e o adolescente para o exercício pleno de sua cidadania é, antes de tudo, localizá-la(o) em seu contexto socioafetivo, e essa tarefa inicia-se em casa e é reelaborada pela escola e outros segmentos da sociedade.

É de suma importância mencionar o âmbito familiar como um dos principais fatores que contribuem para as práticas bullyngistas, pois ele é quem tem o papel da construção moral dos sujeitos, influenciando no tipo de comportamento que pode vir a ter.

Fante (2005, p.174) afirma que é no ambiente familiar onde a criança aprende ou deveria aprender a relacionar-se com as pessoas, respeitar e valorizar as diferenças individuais, desenvolver a empatia e adotar métodos não-violentos de lidar com seus próprios sentimentos e emoções e com os conflitos surgidos nas relações interpessoais. Portanto, é nesse contexto que a criança deveria aprender a criar mecanismos de defesa e autossuperação, desenvolvendo atitudes e valores humanistas que a estruturam psicologicamente e norteiam seu desenvolvimento social.

Dentre os fatores familiares que contribuem para a conduta agressiva de crianças e adolescentes, podemos citar: os maus tratos e o modelo educativo familiar, em que a criança aprende a resolver os seus conflitos pelo emprego das diversas formas de violência; métodos educativos ambíguos, em que ocorrem práticas educativas laxas, ou inconsistentes, ou restritivas, ou punitivas; desestruturação familiar, marcada pela ausência de um dos genitores ou pela falta do bom entendimento afetivo entre os cônjuges; falta de tempo para os filhos, pois os pais se vêem obrigados a trabalhar cada vez mais para manter a família, e o pouco tempo de que dispõem não é destinado ao suprimento das necessidades afetivas.

Esses fatores citados, que estão presentes no convívio familiar das crianças, fazem com que elas se tornem agressivas, pois convivem com problemas familiares que podem lhes causar transtornos comportamentais seríssimos. Toda criança, para se tornar uma pessoa de bem, precisa ser criada com afeto, com isso necessita de uma atenção especial dos pais ou familiares, coisa que em muitos casos não

acontece, por falta de tempo ou até mesmo pela falta de responsabilidade dos seus responsáveis.

Diante disso, a escola precisa desenvolver ações de conscientização para evitar as práticas bullyngistas, assim tentar reverter junto à família e à sociedade, através de programas pedagógicos, palestras e debates o crescente número de casos existentes. Os projetos de intervenção ao bullying devem acontecer com a colaboração de profissionais da saúde, da educação e até mesmo do poder público, pois é um problema bastante complexo, que envolve a desigualdade e a injustiça social, tornando-se assim um problema de todos.

Segundo a LDB 9.394/96, cabe à família e ao estado o desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Portanto, temos que aplicar uma educação que leve os nossos educandos a terem consciência de ideais de igualdade e cooperação entre todos, formando pessoas que sejam capazes de respeitar e conviver com as diferenças existentes. Com isso, para Amoretti (1992 apud FERREIRA; TAVARES p. 191), a escola deve:

Gerar um pensamento e uma ação crítica e reflexiva sobre o processo da sociedade, se antecipando moral e pedagogicamente a ponto de distinguir nas tendências e nas alternativas históricas o traço permanente de uma valorização do homem como cidadão de seu tempo.

Para que isso aconteça necessitamos que a escola seja um ambiente tranquilo e seguro, onde exista o respeito, capaz de transmitir valores pessoais e morais, e em parceria com a família desenvolver ações que busquem a diminuição das práticas agressivas neste espaço, pois a violência é um mal que se resolve assim, e não com violência. Para Chalita (2008, p.110), a escola, por delegação social, deve ser um local de acolhimento e de estímulo ao desenvolvimento e ao crescimento intelectual, sem desprezar as necessidades pessoais, sociais e afetivas dos alunos.

Avaliar o bom desempenho dos estudantes pelas notas dos testes e cumprimento das tarefas não é suficiente. Perceber e monitorar as habilidades ou possíveis dificuldades que possam ter os jovens em seu convívio social com os colegas passa a ser atitude obrigatória daqueles que a responsabilidade pela educação, saúde e segurança de seus alunos. (NETO, 2005, s.p)

Através das medidas de precaução tomadas pela escola com o apoio da família, haverá um maior conhecimento do problema bullying por parte da sociedade, ficaremos informados do que se trata, de suas causas, consequências, as ações que devem ser tomadas para o combate e, principalmente, levar aos pais ou responsáveis por crianças e adolescentes a reconhecerem qualquer sinal de agressão antes mesmo que traga consequências graves.

No Brasil é desenvolvido um programa anti-bullying criado por Cléo Fante, “Educar Para a Paz”, que tem como objetivo possibilitar aos responsáveis pelo desenvolvimento socioeducacional a conscientização e a identificação do fenômeno.

3.4 O BULLYING E AS AÇÕES DOS GESTORES ESCOLARES

Na escola o bullying se desenvolve na sala de aula, durante o recreio, ou nas aulas de educação física. Não há um lugar específico para ocorrência de tal fenômeno, por isso é necessário que o professor, os gestores e todos os funcionários escolares fiquem atentos e evitem as agressões.

Para reconhecer e identificar o bullying, segundo Olweus (1998 apud FANTE; PEDRA, 2008, p. 40), é necessário que a vítima tenha sofrido ações agressivas podendo variar de duas ou mais vezes num período letivo escolar, parece pouco, mas se deve levar em conta a desagradável e aversiva experiência emocional vivenciada pela vítima. Pereira (2002, apud OLIVEIRA, 2010, s.p) diz que para uma pessoa ser considerada alvo de bullying tem que ter sofrido violência no período de um ano, no mínimo de três a seis agressões, e que apresente um caráter de intencionalidade e repetição.

Apesar de se achar que a quantidade de agressões sofridas pela vítima citada pelos autores acima é pouca, o professor ou os gestores escolares podem identificar o bullying a partir de uma simples brincadeira de momento, tão comum no espaço escolar. Da mesma forma que, para muitos, qualquer tipo de agressão pode ser considerada bullying, é neste ponto crucial que se faz necessário ter conhecimento do problema, para que possa evitar que o aluno passe por situações desagradáveis e não se tornem mais uma vítima desse tipo de violência, além de evitar que uma brincadeira isolada seja classificada como bullying, e saber definir o bullying a partir das brincadeiras repetitivas.

Há casos de bullying dentro da escola que ninguém consegue identificar, tanto que são comparados a um fantasma que existe debaixo da cama de uma criança que só quem vê é ela mesma, tornando-se, na visão do adulto, uma fantasia da cabeça da criança. Existem muitos casos que são ignorados pelos educadores e pela gestão escolar, por não estarem preparados para enfrentar a situação e resolve-la, outros são ignorados porque a escola os esconde da sociedade para evitar que seja motivo de comentário e confusões familiares, pois registros de violência podem denegrir a imagem da escola, com isso a própria escola, por sua omissão, termina colaborando para a disseminação da violência escolar. Isso faz com que questionemos se estes estão preparados para lidar com esse fenômeno que adentrou o espaço escolar.

Em muitos casos, identificar o bullying não é tarefa fácil, pois o agressor pode utilizar formas veladas de agressão, ele age em silêncio sem demonstrar que está agredindo alguém a partir de olhares, bilhetes ameaçadores, mensagens virtuais humilhantes.

Fante e Pedra (2008, p.106) destacam que a prevenção deste problema começa pelo conhecimento. É preciso que a escola reconheça a existência do fenômeno e, sobretudo, esteja consciente de seus prejuízos para a responsabilidade e o desenvolvimento socioeducacional dos estudantes. A escola também precisa capacitar seus profissionais para observação, identificação, diagnóstico, intervenção e encaminhamentos corretos, levar o tema à discussão com toda a comunidade escolar e traçar estratégias preventivas que sejam capazes de fazer frente ao fenômeno.

O Bullying não é uma brincadeira de mau gosto. Intencionalmente ou não, é um ato de perversidade. Fazer o outro sofrer e não se incomodar com sua dor não pode ser parte de um processo aprendizagem. O bullying não é um acontecimento local, mas global, como uma epidemia que cresce e se espalha nos ambientes escolares. (CHALITA, 2008, p. 108)

É de suma importância que a escola tenha uma equipe preparada para desenvolver políticas preventivas contra o bullying, que tenha a capacidade de preparar seus funcionários para enfrentar e solucionar esse problema. Essa equipe que promove as políticas de prevenção, seja do bullying ou de outro problema

educacional, é a gestão escolar, pois, conforme apontado por Lück (2000, p. 11), esse tipo de postura:

Constitui uma dimensão e um enfoque de atuação que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos socioeducacionais dos estabelecimentos de ensino orientadas para a promoção efetiva da aprendizagem pelos alunos, de modo a torná-los capazes de enfrentar adequadamente os desafios da sociedade globalizada e da economia centrada no conhecimento.

Contudo, a escola é uma das grandes responsáveis pela formação moral do ser humano e tem, dentre muitas outras, a responsabilidade de formar um cidadão que seja capaz de conviver sociavelmente no mesmo espaço com outras pessoas, respeitando as diferenças e aceitando diferentes formas de viver. Assim sendo, Libâneo (1998, p. 9) menciona que o papel da escola é garantir que os alunos ganhem melhores e efetivas condições de exercício de liberdade política e intelectual. Com isso, a educação escolar deve assumir o compromisso de reduzir a distância entre a ciência, cada vez mais complexa, a cultura de base, produzida no cotidiano, e a cultura letrada, provida pela escolarização, com o compromisso de ajudar os alunos a se tornarem sujeitos pensantes, capazes de construir elementos categoriais de compreensão e apropriação crítica da realidade.

Com isso, é de suma importância que os gestores escolares desenvolvam um trabalho que ofereça subsídios para um bom desenvolvimento dos professores em sala de aula, além de incentivar aprendizagem a partir da interação dos alunos em outros espaços escolares, para assim proporcionar aos discentes um bom desenvolvimento, seja ele, cognitivo, moral, social ou pessoal.

Como bem pontuado por Pinto (2011, p. 77), o profissional de ensino que dá suporte ao trabalho docente deve ter domínio dos procedimentos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem que acontece formalmente na sala de aula, mas do mesmo modo deve ter domínio dos demais procedimentos que envolvem a totalidade das atividades educativas que ocorrem em toda a escola e que estão direta ou indiretamente relacionados com as práticas educativas da sala de aula, é o caso dos gestores escolares.

Os profissionais da gestão escolar, que é formada principalmente pela direção e coordenação pedagógica, juntamente com os docentes e todos que compõem o

quadro escolar, devem promover uma política educacional, conforme é sintetizada por Sacristán e Pérez (1998 apud PINTO, 2011, p. 115) em dois grandes objetivos consubstanciados nos processos de socialização que nela ocorre. Assim a escola deve preparar os alunos para sua incorporação ao mundo do trabalho, e formar o cidadão ou a cidadã para sua intervenção na vida pública.

Por ser um problema antigo, mas que só ganhou maior atenção agora, o bullying exige que os gestores escolares busquem conhecimento acerca do problema para poderem então tomar medidas cabíveis de prevenção e principalmente saberem como agir diante dos problemas já existentes, evitando prejudicar os agressores e ajudar os envolvidos.

Contudo, faz-se necessário que os gestores devam, conforme diz Libâneo (2004):

Reunir características que vão desde a capacidade de trabalhar em equipe, liderança, poder de comunicação até outras mais complexas, que envolvem a consciência das próprias limitações pessoais e o reconhecendo potencial dos colaboradores. Para tanto, têm o papel decisivo ao proporcionarem as condições necessárias para o desenvolvimento dos novos modos de educar, em que o conhecer, o fazer e o ser se entrelaçam de forma intensa, estabelecendo as bases da aprendizagem ao longo da vida.

A escola é um local onde há o encontro de diferentes culturas e comportamentos. Isso exige que os profissionais que nela trabalham estejam capacitados para exercer suas funções de forma que propiciem aos educandos um espaço onde todos convivam e aceitem as diferentes existentes.

Os gestores escolares são os profissionais responsáveis pela organização, orientação administrativa e pedagógica da escola, buscando meios que proporcionem ao educando uma educação de qualidade, tornando a escola um espaço que possa dar ao aluno uma sensação de prazer, e assim ser um forte aliado na aprendizagem, além de ter um papel na formação continuada dos professores, o que faz com que os educadores estejam se reciclando constantemente e estejam preparados para enfrentar os problemas da sala de aula.

Segundo Luck (2009, p.24):

A gestão escolar constitui uma dimensão e um enfoque de atuação em educação, que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas

necessárias para garantir o avanço dos processos sócio-educacionais dos estabelecimentos de ensino orientadas para a promoção efetivada aprendizagem dos alunos, de modo a torná-los capazes de enfrentar adequadamente os desafios da sociedade complexa, globalizada e da economia centrada no conhecimento. Por efetividade entende-se, pois, a realização de objetivos avançados, em acordo com as novas necessidades de transformação socioeconômico-cultural, mediante a dinamização do talento humano, sinergicamente organizado.

As redes de ensino devem garantir as condições necessárias para que os professores continuem aprendendo e assim possam garantir uma melhor aprendizagem para o aluno. A direção e a gestão pedagógica são os agentes que devem exercer essa função de promover esse processo de formação continuada. Além de desenvolver dentro da escola suas funções de promover a implementação do projeto político pedagógico e auxiliar o gestor, é necessário ser um gestor de aprendizagem, que esteja também em formação contínua, pois a gestão deve transformar as metas e os objetivos escolares em ações concretas.

A gestão escolar constitui uma das áreas de atuação profissional na educação destinada a realizar o planejamento, a organização, a liderança, a orientação, a mediação, a coordenação, o monitoramento e a avaliação dos processos necessários à efetividade das ações educacionais orientadas para a promoção da aprendizagem e formação dos alunos. (LUCK, 2009, p. 23)

Na equipe da gestão tem destaque o diretor, que tem como principal obrigação zelar pelos objetivos educacionais e pelo bom desenvolvimento das funções dos profissionais escolares, e assim obter resultados positivos no processo ensino-aprendizagem. Dirigir os profissionais que fazem parte do âmbito escolar em tempos de mudança não é tarefa fácil, e é uma entre muitas das funções do diretor, que tem que saber geri-los proporcionando uma boa relação pessoal, para assim fazer do espaço escolar uma grande instituição formada de profissionais que almejem a qualificação dos alunos.

Já para o coordenador pedagógico, Amado e Monteiro (2012, p.5) afirmam que este deve ser um profissional capaz de promover e coordenar o processo de qualificação da prática docente, já que é corresponsável pela sala de aula, pelo trabalho realizado pelo professor e pelo resultado dos alunos. A sua função principal

se divide entre a formação continuada e articulação do Projeto Político Pedagógico, priorizando sua função de formador e articulador.

Para Libâneo (2004), são atribuições do coordenador pedagógico: desenvolver um trabalho harmônico dentro da escola; conversar diretamente com os professores sobre o desempenho discente; elogiar o que for positivo, esclarecendo o que considerar negativo; incentivar os professores a avançarem em seus estudos; coordenar atividades de formação continuada; desenvolver um clima de trabalho cooperativo e solidário; mediar conflitos; cuidar da avaliação processual do corpo docente; exercer uma liderança democrático-participativa.

Existe ainda um grande impasse sobre a real função dos coordenadores pedagógicos nas escolas, que em muitos casos acabam perdendo tempo exercendo obrigações que nem sempre são de cunho pedagógico, com isso terminam se distanciando constantemente de suas reais obrigações, às vezes isso se deve a uma má formação educacional desse coordenador ou mesmo à falta de profissionais na escola.

Isso não implica dizer que o coordenador deve exercer apenas suas funções, mas que deve estar consciente de que a sua principal obrigação é de formador e articulador das propostas pedagógicas. Com isso precisa ganhar confiança dos professores e estabelecer uma relação de confiança que permita a discussão dos problemas existentes em sala de aula.

Contudo, os gestores escolares têm que estar aptos a solucionar as situações complexas que fazem parte do processo ensino-aprendizagem, proporcionando ao educando um ensino de qualidade.

Para Hargreaves e Fink (2007 p. 43), os bons gestores devem:

Ser promotores apaixonados e defensores de ensino amplo e profundo; Comprometer-se em melhorar os velhos básicos da área da leitura e escrita e da matemática, mas não focar neles a ponto de excluir todo o resto, enquanto ainda adota os novos básicos; Dar ao aprendizado a prioridade máxima; Tornar-se mais conhecedores em relação ao aprendizado; Tornar o aprendizado transparente; Tornar-se testemunhas onipresentes do aprendizado; Demonstrar uma liderança informada sobre evidências ao promover investigações ativas de aprendizado; Promover avaliações de aprendizado; Engajar os estudantes em discussões e decisões acerca de seu próprio aprendizado; Envolver mais os pais no aprendizado de seus filhos; Modelar aprendizado amplo e profundo para os adultos; Criar condições emocionais para o aprendizado.

Portanto, deter as práticas de bullying, como qualquer outro problema escolar, deve ser obrigação dos gestores, que, juntamente com os professores, devem organizar meios para informar e conscientizar a comunidade escolar sobre esse problema que para muitos ainda é novidade. Isso será um grande passo para a diminuição dessa violência, para assim podermos fazer da escola novamente um ambiente tranquilo e seguro.

Diante desses papéis, é importante que a gestão escolar saiba reconhecer o bullying, os autores dessas práticas repetitivas, os tipos de bullying, para que assim possa desenvolver atividades pedagógicas para a diminuição de tal fenômeno, uma vez que uma das principais funções desses profissionais é a manutenção da harmonia no ambiente escolar.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a leitura e levantamento dos questionários, os dados foram organizados tomando-se por base 8 categorias de análises, a saber: Casos de violência nas escolas e as estratégias de intervenção; A concepção de bullying; Bullying: identificação e reconhecimento; Estratégias de combate ao bullying; Características dos envolvidos no bullying; Violência repetitiva cometida sobre o mesmo aluno ou grupo de alunos; Tipo e os lugares mais freqüentes de agressões no espaço escolar; Conhecimento do bullying na formação inicial ou continuada.

4.1 CASOS DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS E AS ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÕES

A violência é um problema crescente no mundo e proporciona um aumento de uma série de consequências sociais, como por exemplo, a agressão no espaço escolar que se tornou um problema social grave e bastante complexo.

Dentro do espaço escolar crianças e adolescente desenvolvem comportamentos agressivos: batem em colegas, insultam seus próprios professores, causam danos ao patrimônio escolar. Estas são ações que podem ser consideradas uma resposta ao comportamento agressivo que eles possam estar vivenciando em casa ou vendo na televisão. Com isso o modelo de vida social passa a ser reproduzido na escola, e faz com que essa instituição deixe de ser um ambiente seguro e se transforme em um local onde existam casos de violência.

Durante a análise dessa categoria pode-se constatar que 84% dos gestores confirmaram a existência de práticas agressivas nas escolas em que trabalham e 16% negaram o acontecimento desta prática.

Diante de tal impasse é necessário que os gestores que negaram a existência dessas práticas necessitem rever o conceito de violência, que, para Fante (2005, p.157), é todo ato, praticado de forma consciente ou inconsciente, que fere, magoa, constrange ou causa dano a qualquer membro da espécie humana. Portanto, a violência em si não é apenas aquela praticada fisicamente, como bater, chutar, machucar, matar, roubar; é também um ato que exclui, desrespeita, discrimina, constrange com insultos, intimidações, apelidos cruéis, magoa em situações de

humilhação, e são problemas frequentes de toda e qualquer escola, seja ela pública e privada.

É importante mencionar que nesta categoria houve uma contradição nas respostas dos gestores que atuam na Escola 4, um afirma existir violência e o outro declara não existir (Gestor B), e com isso levanta-se uma suposição de que estes gestores não estejam interagindo em conjunto com relação aos problemas que adentram o espaço escolar. Surge até mesmo a idéia de que o gestor que negou a existência da violência não queira assumir que dentro de um espaço que tem como principal objetivo a formação cognitiva, pessoal, social humana, não existam casos de violência, que contradizem as regras impostas pela comunidade escolar.

Segundo Fante (2005), quando se nega a existência de violência dentro do espaço escolar, a escola está se recusando e perdendo a oportunidade de desenvolver trabalhos pedagógicos voltados para a formação de pessoas dentro de um contexto de paz e solidariedade humana.

Quando perguntado aos gestores se alguma vez tiveram que intervir para evitar que algum aluno fosse maltratado, a resposta “sim” prevaleceu em sua grande maioria. Somente o Gestor B da Escola 4 afirmou que não. Já o Gestor A, da mesma escola, além de afirmar a existência das agressões, explicou que utiliza estratégias para evitar que esse problema se repita.

“Uma explanação sobre os efeitos nocivos daquelas práticas para o individuo e para sociedade, a qualificação dessas ações como bullying e a possibilidade de a administração da escola aplicar sanções aos agressores.” (Gestor A)

Os gestores que afirmaram intervir para evitar que algum aluno seja mais uma vítima de maus tratos, deixaram bem explícito que agiam diante dessas situações e executaram medidas de prevenção para que as agressões não se tornassem constantes e nem trouxessem problemas para o espaço escolar, como é citado por o Gestor A da Escola 8:

“Conversei com toda a turma e pedi para não maltratar os colegas, explicando passo a passo o valor do ser humano e a importância do respeito com o outro.”

A estratégia de intervenção para o combate a essa violência mais citada pelos gestores foi o diálogo com os alunos envolvidos. Disseram que chamaram esses alunos para conversar e explicar que essas ações violentas não deveriam voltar a acontecer, muitos citaram que chamaram os pais ou responsáveis para comunicar o

ocorrido e juntos (a escola e a família) desenvolveram atividades para que haja a diminuição dessas práticas violentas, como mostram as respostas a seguir:

“Tive que conversar com os alunos e mandei chamar os pais ou responsáveis na escola.” (Gestor A/ Escola 1)

“Já tive que separar muitas brigas, em seguida levei os alunos para a diretoria para explicar que a escola não é lugar de brigas, depois comunicava os pais o ocorrido.” (Gestor A/ Escola 3)

“A estratégia usada foi o dialogo com os alunos envolvidos e em seguida, a família foi convidada a ir à escola para uma possível solução do problema.” (Gestor A/ Escola 6)

4.2 A CONCEPÇÃO DE BULLYING.

Por mais que seja um tema que vem ganhando destaque na mídia e nas pesquisas científicas, o bullying ainda é um problema bastante complexo, que merece maior atenção por parte dos estudiosos e principalmente dos profissionais da educação.

Na literatura podem-se encontrar autores que se contradizem até mesmo na definição de bullying, uns afirmam que é uma violência que só existe entre pares, neste caso o bullying só é praticado entre alunos, mas outros afirmam que essa prática pode ocorrer entre o professor e o aluno, e deixa de ser uma violência que ocorra somente entre pessoas do mesmo status hierárquico(aluno-aluno, professor-professor). Sendo ainda uma questão a ser resolvida pelos pesquisadores, o melhor critério para se definir o bullying é da existência das práticas agressivas repetitivas dirigidas a uma mesma pessoa ou a um grupo de pessoas, sendo essa uma característica que distingue o bullying de outras formas de violência.

Alguns gestores descrevem o conceito de bullying de forma adequada, corroborando os conceitos encontrados na literatura sobre bullying, tais como:

“São práticas agressivas e repetitivas contra um aluno ou grupo de aluno.”
(Gestor A/ Escola 5)

“É algo agressivo e negativo, executado repetidamente e ocorre quando há um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. Sendo assim, esta prática não

está restrita ao contexto escolar, pode ocorrer no trabalho, na universidade ou até mesmo entre vizinhos.” (Gestor B/ Escola 2)

“São todos os tipos de agressões verbais, físicas e psicológicas efetuadas principalmente no ambiente escolar, são comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos.” (Gestor A/ Escola 8)

Os gestores atribuem ao conceito bullying as suas principais características: a existência do desequilíbrio de poder e as ações agressivas repetitivas, além de afirmarem que é uma prática que não se restringe apenas ao espaço escolar.

Constatou-se que alguns gestores não sabem diferenciar o bullying das demais práticas agressivas existentes na escola, pois nem toda agressão pode ser classificada como bullying. Para Fante (2005), o bullying é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com qualquer outra forma de violência, pois, para ser classificado como tal, o fenômeno precisa ocorrer repetidamente, ter um desnível de poder e pode ocorrer em muitos casos de forma velada.

Algumas definições de bullying, apresentadas abaixo, podem ser classificadas como incompletas e indefinidas, são elas:

“É todo e qualquer tipo de agressão física ou verbal sofrida por um indivíduo sem forças iguais para se defender” (Gestor B/ Escola 1)

“São violências cometidas contra alunos que não sabem se defender.” (Gestor A/ Escola 3)

“É uma violência física, moral ou psicológica praticada sem motivo aparente, contra uma pessoa ou grupo de pessoas julgada como inferior pelo agressor.” (Gestor A/ Escola 4)

“Qualquer agressão verbal que intimida, humilha e agride a personalidade humana.” (Gestor A/ Escola 1)

“É um conjunto de comportamentos agressivos que envolvem intimidações, insultos, e assédio de todo gênero.” (Escola 12)

“É uma agressão moral, um comportamento que leva um sujeito a agir com hostilidade em relação a outro, utilizando ofensas, gozações, apelidos e degradações da imagem e/ou opções de estilo de vida.” (Gestor B/ Escola 6)

“Qualquer palavra, gesto ou atitude que provoque ou exponha a pessoa a certos constrangimentos ou situação ridículas.” (Gestor B/ Escola 4)

“É qualquer tipo de discriminação dirigida a uma pessoa.” (Gestor B/ Escola 8)

“Como um tipo de preconceito que a cada dia cresce mais, provocando brigas e violência, não só na escola, mas em toda a sociedade.” (Gestor A/ Escola 10)

Sabe-se que as agressões que se caracterizam como bullying envolvem agressões que intimidam, agridem, insultam, expõem as vítimas a situações desagradáveis, mas esta é uma prática que tem que ser repetitiva, por isso as definições citadas não podem ser classificadas como bullying.

Ao analisar a resposta de um gestor, pode-se perceber que, por mais que ele não saiba definir melhor o conceito de tal fenômeno, ele sabe que as agressões cometidas podem ocorrer de diferentes maneiras e em diferentes lugares.

“Crianças e jovens são vítimas de agressão (física, moral ou material) por colegas. Na sala de aula, rua e no mundo virtual.” (Gestor B/ Escola 10)

É importante lembrar que Fante (2005) afirma que o primeiro passo para prevenção do bullying é conhecer o problema. Isso se torna um grande aliado para a diminuição das práticas bullynistas nas escolas, uma vez que gestores que tem uma idéia concreta desse fenômeno terão capacidade para instruir os outros profissionais que atuam no espaço escolar, observando, identificando e prevenindo contra o bullying.

Apenas um gestor não respondeu esta questão, deixando dúvidas quanto ao seu conhecimento sobre bullying.

4.3 BULLYING: IDENTIFICAÇÃO E RECONHECIMENTO

A partir das respostas aos questionários, pudemos obter resultados bem diferenciados, 53 % dos gestores afirmaram que as práticas agressivas são repetitivas e existem no espaço escolar em que atuam, assim sendo eles confirmam que nestas escolas existem casos de bullying, pois uma das principais características das práticas bullynistas, segundo Fante (2005), é apresentar-se de maneira repetitiva, a vítima passa a ser alvo constante de brincadeiras de mau gosto, de agressões físicas, roubos, ofensas verbais, entre outras ações que tem como principal objetivo humilhar ou agredir a vítima.

Já em relação à negação das práticas repetitivas de agressão, 37% dos gestores confirmaram que não há casos de violência repetitiva nas escolas em que trabalham, deixando claro que nestas escolas não exista bullying, o que contradiz

Silva (2010), quando afirma que o bullying ocorre em todas as escolas, independente de sua tradição, localização ou poder aquisitivo dos alunos. Pode-se afirmar que está presente em 100% das escolas em todo o mundo, públicas ou particulares, o que pode variar são os índices encontrados em cada realidade escolar. 10% dos gestores questionados deixaram a resposta em branco.

Já os gestores da escola 4 se contradizem mais uma vez, diante disto pode-se assim inferir que apenas o Gestor A reconhece e identifica casos de violência que podem ser considerados bullying e estão presente no espaço escolar em que atua. Nota-se que o Gestor B necessita ampliar seu conhecimento acerca dessas práticas agressivas repetitivas, que, para Chalita (2008), são uma violência silenciada pelo medo e estão presentes, infelizmente, no mundo inteiro, uma forma intencional e repetitiva de atitudes agressivas dentro da escola, e por ser um fenômeno complexo, muitas vezes é banalizado e confundido com agressão e indisciplina.

A maior parte dos gestores entrevistados afirmou que nas escolas em que atuam existem casos de bullying, tanto que descreveram o ocorrido:

“Houve um caso em que um aluno com uma estrutura frágil e apresentando confusões de fala e de pensamento era frequentemente apelidado, insultado e humilhado por um grupo de colegas de classe.” (Gestor A/ Escola 4)

“Um dos alunos da escola é alvo de insultos relacionados à estética e a cor.” (Gestor B/ Escola 6)

“Teve um caso em que tinha um aluno com distorção idade série em uma sala de 3ºano, esse aluno batia e apelidava todos os dias alguns colegas, quase todo dia era necessário levar esse aluno para a diretoria ou para casa, até que um dia ele veio armado com um estilete dizendo que ia matar seus colegas e a professora. Então convocamos o conselho da escola e decidimos dar a transferência desse aluno.” (Gestor A/ Escola 3)

São casos que comprovam a existência do bullying entre os alunos, devido às expressões que indicam que as agressões são repetitivas e frequentes. Essas agressões acabam ferindo e proporcionando as suas vítimas consequências seríssimas e que podem trazer danos que custam até a própria vida. Com isso essas vítimas necessitam de um auxílio escolar, familiar, e em alguns casos, até mesmo um acompanhamento psicológico, para que possam se recuperar dos traumas sofridos. Convém lembrar que o agressor também necessita desse tipo de

acompanhamento, para que assim possa aprender a conviver bem e a respeitar as diferenças existentes entre as pessoas com quem convive.

Um exemplo citado por um gestor mostra que o bullying é uma prática que pode ocorrer também entre o aluno e o professor, e não somente entre pares, o que condiz com Fante; Pedra (2010), quando afirmam sobre a existência das práticas de bullying contra os professores, que em alguns casos são assediados sexualmente e moralmente, perseguidos, ridicularizados por seus próprios alunos. Tudo isso causa grande mal-estar aos profissionais, prejudicando sua autoestima e o desempenho de suas funções. Essa situação pode ser vista na seguinte resposta:

“Já existiu uma situação em que um aluno passou a fazer frequentemente gestos obscenos para o professor, deixando-o constrangido perante os outros alunos.” (Gestor A/ Escola 5)

Os gestores da escola 10 deixaram de responder a essa pergunta, o que pode indicar que estes não queiram assumir que no ambiente em que trabalham existem casos de violências repetitivas. Esses gestores podem ser enquadrados no grupo de profissionais que não sabem identificar tal fenômeno ou preferem fingir que esse problema ainda não chegou à sua escola.

Identificar o bullying não é uma tarefa fácil, pois em muitos dos casos ele ocorre de forma velada, já que a vítima passa a sofrer intimidações silenciosas, sem que outras pessoas percebam e isso pode dificultar mais ainda a identificação do problema.

Os gestores citaram que uma das principais formas de identificação de casos de bullying é através de depoimentos dos professores e funcionários que atuam na escola, o que nos leva a pensar que em todo o espaço escolar deve existir a supervisão por parte destes profissionais. Tal supervisão pode ser um fator que contribui para diminuir ou evitar as práticas agressivas existentes na escola. Essa forma de identificação do bullying pode ser vista nas seguintes respostas:

“Através de depoimentos de alguns professores, na hora do intervalo, e nas brincadeiras entre os próprios alunos.” (Gestor A/ Escola 1)

“De diversas maneiras, por meio de conversas com o professore ou funcionários, com os alunos. E como isso é comum no horário do recreio, toda a equipe vigiava para intervir caso fosse necessário.” (Gestor B/ Escola 2)

“Nas conversas com o professor sobre os alunos, nas voltas pelos corredores, durante o recreio.” (Gestor A/ Escola 3)

Há alguns gestores que afirmaram que por meio de denúncias de outros alunos identificavam o problema, mas esse não deve ser o principal critério de identificação do bullying, pois em muitos dos casos esses alunos podem não denunciar o ocorrido por medo de serem futuramente mais uma vítima de bullying, tornando-se espectadores neutros, passando a presenciar as agressões e não agir diante do acontecido.

“Quando um aluno fica retraído, quando um colega vem nos informar os acontecidos, com o nosso acompanhamento diário nos arredores da escola.” (Gestor B/ Escola 1)

Foi citada também como maneira de identificação do bullying a observação do comportamento do aluno, os gestores, com a ajuda dos professores, passam a analisar individualmente o comportamento dos alunos. Essa forma de identificação pode ser vista nas seguintes afirmações:

“Com um olhar atento ao comportamento (mudanças) do aluno e observação de toda a equipe que trabalha na escola.” (Gestor A/ Escola 10)

“Quando a vítima mostra-se isolado, isola-se do convívio em grupo.” (Gestor B/ Escola 3)

Para Fante; Pedra (2008), a observação do comportamento do aluno deve ser um dos procedimentos a serem adotados para a prevenção do bullying. É necessário que se observem e anotem numa ficha individual os aspectos do cotidiano do aluno: se ele é isolado dos demais; se nos trabalhos em equipe é sempre o último a ser escolhido; se é alvo de zoações; se apresentou no decorrer do semestre queda no rendimento escolar; se apresenta arranhões ou danificações de seus materiais escolares. Estes são fatores que podem servir para que se possa identificar o problema.

Fante (2005) anuncia ser necessário evitar equívocos no momento de diagnosticar o bullying, sendo necessário recorrer sempre aos seguintes critérios: ações deliberadas repetitivas e ao desequilíbrio de poder. É importante levar em conta esses critérios para que não se confundam casos de violência escolar comuns que não podem ser classificados como bullying.

4.4 ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO BULLYING

A maior parte dos gestores citou as palestras e os projetos de intervenção com a participação da família, como as principais estratégias no combate ao bullying. Como pode ser visto nas seguintes afirmações:

“Uma palestra com um profissional que saiba lidar com essas situações agressivas, desenvolveria atividades pedagógicas para combater essas agressões.” (Gestor A/ Escola 3)

“Através de palestras, projetos que envolvam toda a equipe escolar em parceria com as famílias, como por exemplo: jogos interativos e colaborativos, dia da família na escola, e incluir na escola o trabalho de um psicológico.” (Gestor A/ Escola 6)

“Projeto interdisciplinar, com palestras educativas e oficinas, voltado para pais, alunos e funcionários da escola.” (Gestor B/ Escola 6)

“Promoção de palestras de conscientização para a comunidade escolar e, em especial, para os pais, pois a família é à base da educação.” (Escola 7)

“Palestras, abordagem esclarecedoras do assunto, observação constante das ações diárias dos alunos e caso necessário, ajuda de profissionais no assunto.” (Gestor B/ Escola 5)

As palestras e os projetos de intervenção com a família podem ser estratégias que conscientizam os alunos, a escola e a família sobre as reais consequências que o bullying pode trazer, e é uma estratégia que incentiva a participação de toda sociedade na resolução deste problema que é bastante complexo.

Neto (2005, p. 169) comenta sobre a importância de a família estabelecer uma relação de apoio à escola na luta pela diminuição das práticas do bullying:

Envolvimento de professores, pais e alunos é fundamental para a implementação de projetos de redução do bullying. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de bullying, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro.

Para Chalita (2008), é indispensável que se estabeleça uma parceria entre a escola e a família, é preciso que pais e educadores tenham um olhar atento, amoroso e sensível, que propicie atitudes efetivas. Assim sendo, essa parceria é de

fundamental importância, e foi citada como uma das estratégias de alguns gestores entrevistados.

Alguns gestores informaram a necessidade de recorrer a profissionais, como os psicólogos, que podem auxiliar no acompanhamento das crianças que apresentaram problemas psicológicos graves devido às práticas bullyinistas, como é caso dos transtornos de comportamento. São vítimas que necessitam de um tratamento adequado para que possam se socializar novamente no espaço escolar ou até mesmo no meio social em que vivem. Um outro exemplo disso é o caso do agressor, que necessita de um acompanhamento psicológico, a partir de uma ação conjunta envolvendo a escola e a família, através de projetos de intervenção para que ele possa aprender a conviver bem com os demais.

Gestores citaram também que recorreriam aos órgãos públicos, como o Conselho Tutelar da Criança e Adolescente, para que os conselheiros proferissem palestras informando as reais consequências que essas práticas agressivas podem trazer.

4.5 CARACTERÍSTICAS DAS VÍTIMAS E DOS AGRESSORES ENVOLVIDOS EM CASOS DE BULLYING.

Os gestores atribuem às vítimas características que as definem como frágeis, explicando que é por meio de “brincadeiras” de mau gosto que o agressor acaba intimidando e atingindo a integridade moral da vítima.

Fante (2005) define o bullying como um comportamento cruel intrínseco às relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetivos de diversão e prazer, através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. Esse desequilíbrio de poder que existe entre a vítima e o agressor é uma característica evidente nos casos de bullying e que pode ser visualizado na resposta de um gestor:

“Geralmente são alunos que possuem pouca capacidade de se defender e que são inibidos para solicitar algum tipo de ajuda.” (Gestor B/ Escola 1)

A incapacidade da vítima de se defender diante das agressões sofridas faz com que seja fácil de atribuir características a quem sofre tal violência. Dentre as principais características atribuídas pelos gestores às vítimas de bullying foram

citadas: timidez, crianças que não tem muitas amizades, sujeitos frágeis, retraídos tanto na escola quanto no lar, tem fragilidade na estrutura física e psicológica. Sem deixar de mencionar que são crianças ou adolescentes que apresentam poucas habilidades sociais e comunicativas, apresentam personalidade tímida e insegura, a vítima é normalmente uma presa fácil como afirma um gestor:

“De certa forma percebo que são sujeitos frágeis e vulneráveis, que por sua vez, facilitam a ação dos agressores.” (Gestor B/ Escola 6)

Alguns gestores citaram a cor da pele, algumas características físicas como o tamanho das orelhas, a posição dos olhos e o peso, o distúrbio de fala e pensamento, o baixo rendimento escolar, dificuldades de aprendizagem, a falta de acompanhamento dos pais e as deficiências físicas como motivo de zoação por parte dos agressores, o que pode contribuir para que os agredidos desenvolvam efeitos negativos, como a tendência ao isolamento e à depressão.

A não-superação do trauma poderá desencadear processos prejudiciais ao seu desenvolvimento psíquico, uma vez que a experiência traumática orientará inconscientemente o seu comportamento, mais para evitar novos traumas do que para buscar sua auto-superação. (FANTE, 2005, p. 79)

Em relação às práticas agressivas repetitivas contra os deficientes físicos, Fante (2005) afirma que eles correm maiores riscos de se tornarem vítimas, riscos estes de duas a três vezes maiores do que as crianças consideradas normais.

Para ser uma vítima dessas agressões repetitivas basta apenas fugir ao padrão imposto pelos agressores. Independente de qual seja esse padrão, qualquer criança ou adolescente pode ser vítima desta violência, tanto que até mesmo os alunos que tem as melhores notas, que são participativos e os que apresentam um bom comportamento podem também ser vítimas dessas práticas, como é citado por dois gestores:

“Os alunos tímidos que não tem muitas amizades, alunos que se destacam em notas e ainda aqueles que querem chamar a atenção, ou seja, se expõe demais.” (Gestor A/ Escola 9)

“São crianças espertas, participativas”. (Gestor B/ Escola 3)

Para Chalita (2008), ser diferente não é um motivo, mas um pretexto para que o autor do bullying satisfaça a sua necessidade de agredir, de humilhar, de

marginalizar. Ninguém pode ser culpado ou castigado por ser diferente, por estar fora dos padrões considerados normais aos olhos de quem busca a diferença e dissemina a indiferença. Não podemos esperar que todos sejam iguais para serem aceitos, somos únicos e com características próprias.

Contudo, a família e a escola precisam formar crianças e adolescentes que saibam respeitar as diferenças pessoais, físicas, econômicas e raciais existentes, para que possamos construir uma sociedade em que as pessoas possam conviver bem e que sejam capazes de aceitar as diferenças existentes.

Chalita (2008) comenta que o agressor do bullying é um aluno popular que precisa de platéia para agir, reconhecido como o valentão, que oprime e ameaça por motivos banais, apenas para impor autoridade. São crianças ou adolescentes que encontram nas práticas agressivas uma forma de demonstrar poder diante os outros companheiros de escola.

O gestor da Escola 7 define muito bem as características dos agressores do bullying:

“São alunos carentes de atenção e afeto por parte dos pais, possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade, ausência de culpa e remorso pelos atos cometidos contra os outros; os agressores apresentam desde muito cedo aversão às normas, não aceitam ser contrariados ou frustrados.”

Para o gestor A da Escola 8, os agressores são pessoas que não sabem respeitar as diferenças existentes entre os companheiros de escola, afirmam que para eles os valores humanos, como o respeito e a solidariedade, não fizeram parte dos ensinamentos dados por seus familiares. Com isso os agressores tendem a ter um comportamento negativo, e se dedicam a diminuir e humilhar ao máximo seus companheiros.

Foi citado que esse agressor caracteriza-se como o aluno valentão, mau caráter, com personalidade agressiva, exibicionista e que quer se afirmar como o mais forte, não respeita seus professores ou funcionários da escola, não responde suas tarefas escolares, gosta de matar aula, mas que, sobretudo, necessita de ajuda para se socializar de forma amigável com as pessoas com quem convive.

Mais uma vez foi citado que esses alunos agressivos são membros de famílias desestruturadas, e acabam sendo mais uma vítima dos problemas familiares, ou até mesmo crianças e adolescentes que vivem à margem da sociedade e, por isso, acabam se tornando produto do seu próprio meio.

Ao serem questionados sobre o rendimento escolar dos alunos violentos, os gestores disseram que eles na maioria das vezes não participam das atividades propostas pelo professor, com isso não tem um bom rendimento escolar. Essa afirmação foi condizente com Silva (2010), quando ela afirma que o rendimento escolar desses alunos costuma ser regular ou deficitário, mas que em hipótese alguma isso configura uma deficiência intelectual ou de aprendizagem.

Os gestores citaram o modelo educativo da família como uma das principais causas do comportamento agressivo das crianças e adolescentes. Afirmando também que a família é a principal responsável por esses comportamentos, como relata um gestor da Escola 4:

“A negligência da família em relação à corresponsabilidade na tarefa de educar, ou seja, esses jovens agressivos, geralmente, são oriundos de famílias que não foram capazes de formar nesses jovens uma personalidade permeada de valores e princípios de convivência no meio coletivo. A escola, por sua vez, pouco tem discutido a questão.” (Gestor A/ Escola A)

Para Fante (2005), o modelo educativo familiar será sempre o grande referencial na vida de cada indivíduo. Se for positivo, o indivíduo desenvolverá a auto-compreensão, autoaceitação, autoestima e a capacidade de autossuperação na vida. Do contrário terá o seu desenvolvimento psicossocial e socioeducacional prejudicado, tornando-se exposto a todo tipo de comportamento e influência negativa, por falta de referências e de segurança emocional.

Outra causa citada é que em alguns casos as crianças e adolescentes apenas repetem as agressões que sofrem em casa, são crianças criadas sem nenhum tipo de afeto, e que passam a agir agressivamente como uma forma de se defenderem ou se imporem diante dos colegas, como explicam os gestores:

“Na maioria das vezes sua agressividade é movida por uma base familiar deficitária, com comportamentos agressivos entre os próprios familiares, estimulando-os a impor seu poder a fim de conseguir o que deseja.” (Gestor B/ Escola 12)

“Na maioria das vezes ao meio em que a criança ou adolescente está inserido, pois se essa criança vem de um seio familiar onde existem muitas agressões, com certeza ele pode ser tornar uma pessoa agressiva.” (Gestor B/ Escola 8)

A falta de tempo e de afeto dos pais para com seus filhos é um dos fatores que mais contribuem para o aparecimento de condutas agressivas nas crianças, e são citados pelos gestores:

“Em virtude da falta de afeto, dialogo com a família, principalmente com os pais e com outras pessoas que mantêm um vínculo.” (Gestor A/ Escola 10)

“Falta de afeto familiar, os pais na sua maioria não têm mais tempo para seus filhos, acabam deixando de lado suas obrigações familiares como: acompanhar seus filhos na escola, levar para um passeio, dar um abraço ou algum tipo de afeto.” (Gestor B/ Escola 3)

Embora a família tenha papel fundamental na formação moral do sujeito, ela não pode ser considerada como única responsável pelo comportamento inadequado dos seus descendentes, tanto que em uma das respostas dos gestores são citados os meios de comunicação e a própria sociedade, como fatores que contribuem para práticas agressivas, como é notável na seguinte fala:

“A falta de amor, e da sociedade em si já é agressiva, os meios de comunicação e etc.” (Escola 9)

4.6 A VIOLÊNCIA REPETITIVA COMETIDA SOBRE O MESMO ALUNO OU UM GRUPO DE ALUNOS.

As práticas de bullying em uma escola podem ter como alvo somente uma vítima ou um grupo de vítimas, que geralmente não sabem como agir diante da situação e nem sequer procuram ajuda de outras pessoas para se defenderem das ameaças que passam a ser constantes, já que o agressor utiliza a força como forma de se sobressair diante da vítima, e isso pode ser classificado como o desequilíbrio de poder. Fante (2005) afirma que tal desequilíbrio pode ser caracterizado por fatores de estatura ou força física da vítima, uma vez que esta pode estar sempre em minoria, apresentar pouca habilidade de defesa, falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica diante do autor dos ataques.

As respostas dos gestores da escola 3 e 8 esclarecem um dos pontos relevantes do bullying, em que os agressores escolhem as vítimas por apresentarem uma característica que a distinguem das demais e por não terem condições de se defender. Percebe-se tal afirmação nas seguintes respostas:

“Os alunos agressivos costumam agredir fisicamente ou verbalmente um grupo de alunos, onde ele achar que vai se dar bem ele agride.” (Gestor A/ Escola 11)

Nota-se no relato dos gestores que a violência cometida pelos agressores pode ser direcionada a um único aluno ou a vários alunos diferentes. Isso implica dizer que o número de vítimas pode ser maior do que o número de agressores, uma vez que o bullying pode agredir mais de uma criança ou adolescente.

Alguns gestores relatam que existem agressões que nem sempre são cometidas sobre as mesmas vítimas, nestes casos não se pode considerar uma prática de bullying, pois é um caso isolado e não é repetitivo, e sim mais um caso de violência que é bastante comum no espaço escolar, mas que também exige atenção especial por parte dos gestores e da família.

“Esses tipos de violência acontecem esporadicamente, e não é vivenciada por um único aluno ou grupo, ou seja, não há uma vítima específica.” (Gestor A/ Escola 5)

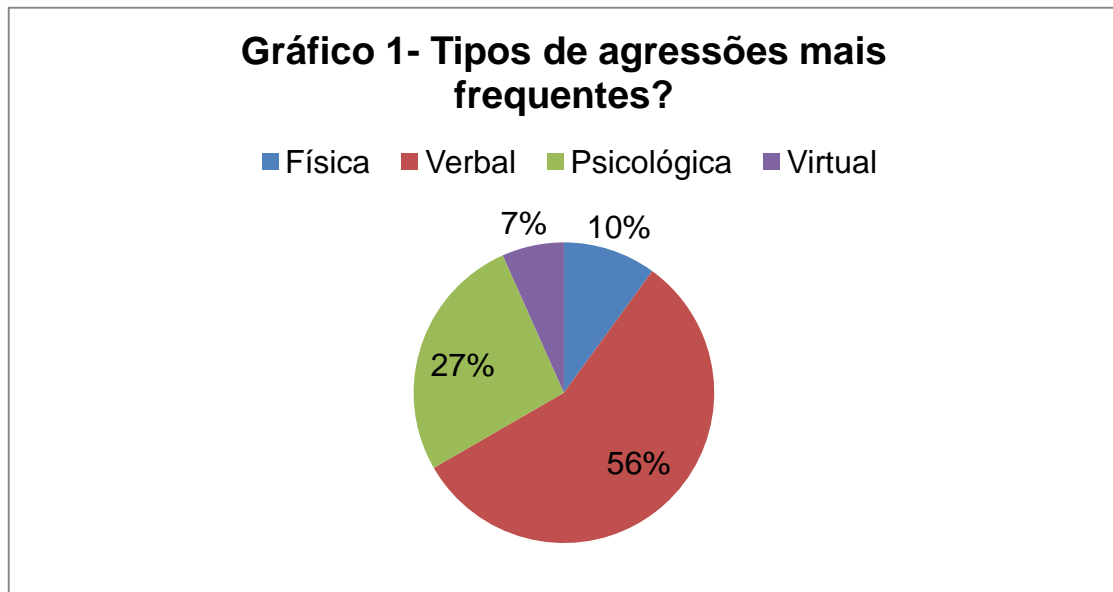
4.7 TIPO E OS LUGARES MAIS FREQUENTES DE AGRESSÕES NO ESPAÇO ESCOLAR.

Os gestores pesquisados afirmaram que o tipo de bullying que mais existe no espaço escolar em que atuam é o verbal, em que os agressores têm como principais práticas insultar, ofender, falar mal, fazer gozações, colocar apelidos em suas vítimas. Alguns gestores ilustraram em suas falas essas agressões verbais:

“São muitas as brincadeiras de apelidar, isso termina sempre em briga.” (Gestor B/ Escola 3)

“O maior desafio que encontramos em nossa escola são as agressões verbais, principalmente os apelidos e xingamentos, ficando difícil fazer um trabalho em cima disso, porque até as próprias famílias se insultam verbalmente na frente dos filhos em casa e também na escola.” (Gestor A/ Escola 6)

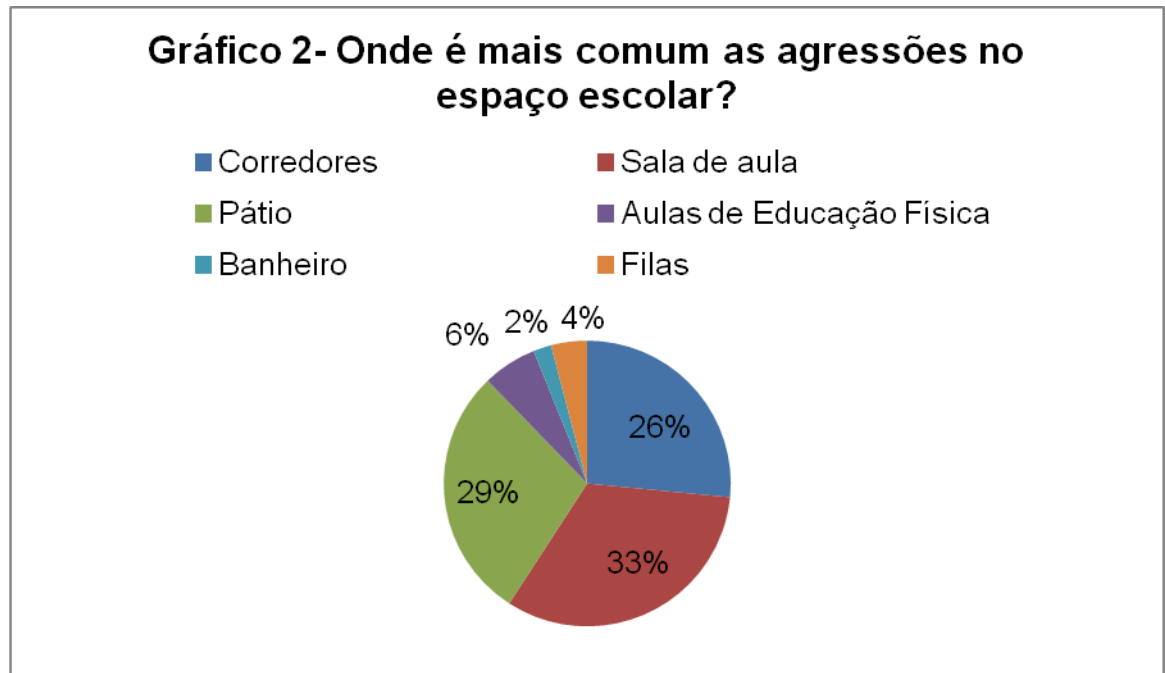
Para analisar melhor a questão foi construído o seguinte gráfico:



Em um dos comentários sobre essa questão um gestor afirmou que na escola só não existem casos de bullying virtual, porque não é permitido o uso de celular no colégio e a internet é usada somente para pesquisa. Porém, vale lembrar que as calúnias que são feitas por meio de aparelhos eletrônicos ou via internet para ser considerada cyberbullying não devem ser feitas necessariamente apenas na escola, mas podem envolver alunos dessa escola, o que torna essa questão um problema escolar.

Lembrando que o Gestor A da escola 4 afirmou em uma questão passada que na escola em que atua não existia casos de violência e, com isso, deixou em branco a questão em que se perguntava os tipos de agressão que mais ocorriam na sua escola. Já os gestores da escola 10 que não responderam a pergunta sobre a existência da violência, afirmaram que os principais tipos de agressão existentes são verbais, psicológicas e a virtuais, e acabaram confirmando a existência da violência na sua escola de atuação.

Em relação aos lugares onde mais ocorrem as práticas agressivas, os gestores tiveram a oportunidade de selecionar quatro opções das citadas, com isso todas as alternativas foram marcadas. A partir desta análise foi construído o seguinte gráfico:



O resultado desta questão é condizente com as pesquisas feitas no Brasil que indicam a sala de aula como local do espaço escolar em que as agressões repetitivas mais acontecem. Já uma pesquisa realizada em diferentes países mostra que o recreio é o principal lugar onde mais ocorre a incidência dos ataques de bullying, fazendo-se necessário que todos os funcionários da escola tenham um olhar atento às práticas agressivas que ocorrem neste espaço, para assim evitar que as agressões se tornem repetitivas.

4.8 CONHECIMENTO SOBRE O BULLYING NA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DOS GESTORES

No nosso país pesquisas relacionadas ao bullying ainda são muito recentes, o que se torna um fator negativo na identificação e intervenção do problema. Isso é tão notável que oito dos gestores pesquisados afirmaram que durante sua formação inicial não estudaram conteúdos relacionados ao bullying. Afirmaram que se trata de um assunto atual que não teve grande repercussão durante o tempo em que cursaram suas graduações.

Os demais gestores que afirmaram terem estudado tal fenômeno o viram de forma bastante restrita, de modo genérico e superficial, mas afirmaram que tem

como obrigação procurar aprender o que é o bullying e como lidar com essas situações, pois as atitudes provocadas por esse problema não devem ser ignoradas pelo professor, diretor e demais servidores, fato que contribui para que estes profissionais estejam buscando conhecimento acerca deste problema que vem ganhando mais espaço tanto no âmbito educacional quanto midiático.

Gestores citaram que conheceram melhor o problema bullying através de palestras, reportagens, filmes e documentários. Somente dois gestores afirmaram nunca terem visto falar algo sobre esse fenômeno, fato que se torna intrigante, pois é um problema que, segundo Fante; Pedra (2008), vem ganhando espaço nas mídias, principalmente após as tragédias ocorridas em inúmeras escolas de diversos países, quando se tornou notório o crescente interesse da imprensa de conscientizar, discutir e alertar a sociedade para esse fenômeno psicossocial. Podemos afirmar esta passagem até mesmo na resposta de um gestor:

“É impossível alguém dizer que não assistiu, pois é um assunto divulgado pela mídia nos últimos anos.” (Gestor A/ Escola 2)

Os filmes, as revistas, os livros foram bastante citados pelos gestores como um meio utilizado para conhecer o bullying, como pode ser visto nas seguintes afirmações:

“Tive o prazer de assistir um filme sobre o bullying virtual, onde a família da vítima recorreu o tratamento psicológico e a um grupo de pessoas com o mesmo problema para conversar sobre o tema e com isso se sobressaíram muito bem.” (Gestor A/ Escola 5)

“Assisti filmes que abordavam o tema, inclusive esses filmes foram assistidos por várias turmas da escola, como por exemplo: Mãos talentosas.” (Gestor A/ Escola 8)

“Li uma reportagem na revista ‘veja’ e assisti ao filme ‘Bullying: provocações sem limites que de maneira profunda e completa o tema foi bem debatido.” (Gestor A/ Escola 4)

“Particpei de palestras educativas e pretendo ler o livro de Marcos Rolin que fala do Bullying- o pesadelo da escola.” (Gestor A/ Escola 2)

“Já presenciei algumas notícias na televisão, na internet, nas revistas que vem pra escola.” (Gestor B/ Escola 3)

“Já li reportagens em revistas e na internet, assisti a reportagem da escola de realengo que chamou a atenção de todos.” (Gestor A/ Escola 1)

Portanto, por mais que o bullying seja um problema recente para a realidade das escolas brasileiras, já existem meios que facilitam e dão suporte aos educadores no conhecimento de tal fenômeno, para que assim esse problema deixe de trazer tantos malefícios ao campo educacional. Com isso só depende dos gestores buscarem esse conhecimento e difundirem entre os profissionais que atuam no espaço escolar, para assim terem suporte para desenvolver estratégias que diminuam ou acabem com as práticas agressivas repetitivas.

5. CONCLUSÃO

Diante do exposto, nota-se que saber identificar o bullying não é uma tarefa fácil, devido ser um tipo de agressão que em muito dos casos apresenta-se de maneira silenciosa e, em outros, quem presencia não denuncia por medo de se tornar a próxima vítima. Diante disso é necessário que os gestores adotem critérios para a identificação do bullying.

Os critérios de identificação utilizados pelos gestores que participaram da pesquisa podem trazer resultados positivos diante deste problema. Eles demonstraram em suas respostas que buscam a colaboração de todos os funcionários da escola para identificar o bullying, o que se torna um fato de grande importância, pois se as agressões ocorrem em diferentes lugares da escola é necessário que haja uma observação por parte de todos que atuam no espaço escolar, contribuindo para a diminuição das práticas violentas. Além de mencionar a identificação através da observação do comportamento individual do aluno, os gestores passam a analisar as mudanças que ocorreram e buscam encontrar as possíveis causas dessas mudanças.

As estratégias citadas pelos gestores no combate a esse fenômeno podem trazer bons resultados, pois são estratégias que buscam a participação da família e da sociedade, eis que apresentam o problema a toda comunidade, ampliando conhecimento sobre o bullying, que até então era pouco conhecido.

Vale ressaltar que o objetivo específico da pesquisa de comparar as estratégias de intervenção do bullying entre as escolas públicas e privadas do município de Inhuma, não foi atingido devido ao reduzido número de escolas particulares, já que os gestores destas se recusaram a participar da pesquisa, uma vez que não devolveram os questionários que lhes foram entregues.

Ao analisar o conhecimento dos gestores sobre o bullying, notou-se que a maior parte deles não sabe conceituar tal fenômeno, pois define bullying como qualquer forma de agressão que ocorre no espaço escolar e não como uma agressão repetitiva que tem como objetivo humilhar e excluir a vítima. É importante que os gestores saibam diferenciar o bullying das outras agressões que existem, pois nem toda agressão pode ser considerada bullying. E isso se torna preocupante, porque o gestor que não sabe diferenciar o bullying das outras formas de violência, não está apto a desenvolver estratégias de combate a esse problema.

O fato de os gestores não saberem definir o bullying pode estar ligado à questão de que muitos deles não tiveram a oportunidade de conhecer esse tema durante a sua formação inicial e continuada, e isso pode ser explicado tomando como base a ideia de que o tema ganhou a atenção por parte dos pesquisadores brasileiros somente a partir do ano 2000.

Pode-se perceber que o pouco conhecimento que os gestores têm sobre bullying foi adquirido através do meio midiático, pois o mesmo vem divulgando e mostrando o que é esse fenômeno, suas possíveis causas e as consequências que podem trazer aos envolvidos.

Os meios de comunicação têm facilitado o conhecimento por parte de todos sobre este problema mundial, portanto, cabe aos gestores (que tem como principal função tornar o espaço escolar um ambiente tranquilo) pesquisar e entender o bullying, para que assim possam desenvolver ações que contribuam para o fim dessas agressões repetitivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Cybeli; MONTEIRO, Elisabete. Coordenação pedagógica em foco. **Salto Para o Futuro**.TV Escola, ano XXII, boletim 1, abril 2012.

ANTUNES, D. C; ZUIN, A. A. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie a educação. **Psicologia& Sociedade**, n. 20, v.1, p. 33- 42, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 19 dez. 2012.

CHRISPINO, Álvaro; CHRISPINO, Raquel. **Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar**. São Paulo: Editora Biruta, 2002.

CHALITA, Gabriel. Pedagogia da Amizade. **Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo. Editora Gente, 2008.

CONSTANTINI, A. **Bullying: como combatê-lo?** São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. promulgada em 1988. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 13 dez.2012.

BRASIL, Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <[HTTP://www.planalto.gov.br/civil/LEIS/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/civil/LEIS/18069.htm)>. Acessado em 13 dez. 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394/96**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1996. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acessado em 13 dez. 2012.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2ºed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.

FERREIRA, J.M; TAVARES, H. M. Bulying No Ambiente Escolar. Revista Católica, v.1, n.2, p. 187- 197, 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/60733571/Bullying-Na-Escola>>. Acesso em 19 dez. 2012.

FINK, Dean; Hargreaves, Andy. **Liderança Sustentável-Desenvolvendo de Gestores da Aprendizagem**-Porto Alegre: Artmed, 2007. cap.1 p.31-59

FONAI, Ana Carolina, **O uso de questionários em pesquisa analítico comportamental**. Disponível em:

<<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=439> >.
Acesso em: 13 dez. 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. Ed-. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, Catarina; ANDRADE, F. C. B. O Currículo do bullying na novela da vida. Espaço do Currículo, v.2, n. 2, p. 181- 195, Setembro de 2009 a Março de 2010. Disponível em:< <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/15-PEDAGOGIA-04.pdf>>. Acesso em: 19 dez.2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo; Atlas, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola**. Goiânia: Alternativa, 2004.

LUCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

MATTOS, M. G.; ROSSETTO JÚNIOR, A. J.; BLECHER, S. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em Educação Física**. São Paulo: Phorte, 2004.

NETO, A. A. L. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164- 172. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2012.

SILVA, Ana Beatriz. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

OLIVEIRA, Alessandra de. Bullying na Escola, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n1/a04v20n1.pdf>. Acesso em 25 dez. 2012.

OLIVEIRA, Silvio Luis de. **Metodologia Científica aplicada ao direito**. São Paulo: Thomsom, 2002.

PINTO, Umberto de Andrade. **Pedagogia Escolar**: coordenação pedagógica e gestão educacional. São Paulo: Cortez, 2011.

RAMOS, A. K. S. **Bullying**: A Violência Tolerada na Escola. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf>>. Acesso em: 25 dez. 2012.

TOURINHO, Lilian Simone Pereira Ribeiro; TOURINHO FILHO, Hugo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, jan./jun. 1998.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DO GESTOR

Tema da Pesquisa: **A identificação e a intervenção do Fenômeno Bullying pelos gestores de escolas públicas e privadas do Município de Inhumas- PI**

01- Faixa Etária: _____

02- Sexo: () masculino () feminino

03- Qual sua formação?

() Ensino Médio () Magistério () Ensino Superior Completo () Ensino Superior Incompleto

() Outros. Qual?

04- Se possuir curso superior. Qual?

05- Na escola que você trabalha existe caso de violência? () Sim () Não

06- Essas violências são repetitivas? () Sim () Não

07- Você percebe que tais violências são cometidas sobre o mesmo aluno ou um grupo de aluno? Justifique

08- Como você caracterizaria o aluno ou alunos que são alvo de tal violência?

09- Qual sua concepção de bullying?

10- Na sua escola que você trabalha já existiu ou existe algum caso de bullying?

Comente

11- Alguma vez você teve que intervir para evitar que um aluno fosse maltratado? Que estratégia de intervenção você utilizou nesse momento?

12- A que você atribui o comportamento agressivo de crianças e adolescentes?

13- Os alunos violentos conseguem um bom rendimento escolar? Sim
 Não

14- Como você caracteriza os alunos que praticam agressões de bullying?

15- De que maneira você identifica ou reconhece o bullying na escola?

16- Qual tipo de agressão mais freqüente na escola em que trabalha?

Verbal(insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos)

Físico(Bater, chutar, espancar, ferir, beliscar, roubar, destruir os pertences da vítima)

Psicológico ou moral(Irritar, humilhar, ridicularizar, excluir, isolar, desprezar, fazer pouco, discriminar, difamar, fazer intrigas, mexericos)

Sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar)

Virtual(Difunde de forma avassaladora, calúnias e maledicências pelo celular ou internet)

Justifique:

17- Onde é mais comum as agressões dentro da escola? Assinale 4 alternativas.

na sala de aula nos corredores da escola no recreio nas filas

no pátio nas aulas de educação física no banheiro

Outros. Qual? _____

18- Algum aluno ou professor já o procurou para relatar maus tratos sofridos por eles dentro do espaço escolar?

() Sim () Não

No caso de sua resposta ser afirmativa, descreva que atitudes foram tomadas para tornar o ambiente escolar mais saudável.

19- Quais estratégias (projetos, planos de intervenção) você utilizaria para combater o bullying na escola?

20- Durante sua formação inicial e continuada estudou algo sobre bullying? Comente

21- Alguma vez já assistiu palestras, filmes, documentário, reportagem sobre bullying?Comente

22- Você acredita que a prática do *bullying* pode causar prejuízo emocional e sofrimento aos alunos que são vítimas dela?

23- A direção da escola está preparada para intervir nos atos considerados como *bullying*?

APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr (a) foi selecionado (a) e está sendo convidado (a) para participar da pesquisa **intitulada**: Como os gestores de escolas públicas e privadas lidam com Bullying, que tem como **objetivos**: objetivo analisar como as ações dos gestores escolares de escolas públicas e privadas do município de Inhuma- PI identificam o fenômeno bullying e como essa definição reflete nas atividades pedagógicas escolares.

Suas respostas serão tratadas de forma **anônima** e **confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os **dados coletados** serão utilizados apenas **NESTA** pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou publicados em revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de questionário. Sr(a) não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras**. **Não haverá riscos** de qualquer natureza relacionada a sua participação. O **benefício** relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de educação.

A pesquisa está sob responsabilidade da Sr. Ana Alice Gonçalves Oliveira pesquisadora responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre sua participação, agora ou a qualquer momento.

Assinatura do participante